

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**AS CONSEQUÊNCIA DE ASSÉDIO SEXUAL NO PROCESSO DE
ENSINO APRENDIZAGEM ENTRE ALUNOS DA 10^a E 12^a CLASSE
CASO LICEU MUNICIPAL DO NZETO / ZAIRE NO ANO LECTIVO
2022/2023**

Autora: Jamira André Machado

Orientador: Ezequiel Lupassa, MSc

Luanda/ 2024

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**AS CONSEQUÊNCIA DE ASSÉDIO SEXUAL NO PROCESSO DE
ENSINO APRENDIZAGEM ENTRE ALUNOS DA 10ª E 12ª CLASSE
CASO LICEU MUNICIPAL DO NZETO / ZAIRE NO ANO LECTIVO
2022/2023**

Trabalho de Fim do Curso apresentado ao Instituto Superior de Angola (ISA), como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Pedagogia, sobre a orientação do Professor Msc.Ezequiel Lupassa

O JÚRI

Presidente _____

1º Vogal _____

2º Vogal _____

Secretário _____

Classificação: _____

Data _____ / _____ / _____

DEDICATÓRIA

Com toda honra, tenho o prazer em dedicar este trabalho de fim de curso a minha mais que tudo, preciosa mãe, que incansavelmente pelas suas orações contribuí para que este sonho se tornasse realidade.

AGRADECIMENTOS

Palavras me faltam no momento para expressar o seu real valor. É de dizer que sempre foi Deus na minha vida e na concretização real deste TFC.

No entanto quero aqui deixar algumas palavras de agradecimentos aqueles que de alguma forma, são responsáveis e me influenciaram ao longo da minha caminhada que me trouxe a este momento, a todos o meu muito obrigado.

Não obstante, devo enaltecer neste momento o apoio e inspiração da minha querida irmã e comadre Bernadete Machado, desde o primeiro momento acreditou nas minhas capacidades e nos meus objectivos

Ao meu Orientador e Professor Ezequiel Lupassa, pelas discussões enriquecedoras e pelas palavras de incentivo constante.

Desde já agradeço a todos os professores que encontrei no Instituto Superior de Angola (ISA), pela dedicação, disponibilidade e entrega ao longo de todo percurso, quer nas aulas quer nos momentos de descontração, fizeram-me sentir em casa.

Uma palavra de apreço ao meu marido António Miguel Lucas Resende, pelo apoio dado desde o princípio até ao momento da minha transferência de Soyo para Luanda. Não posso deixar de agradecer aos profissionais que comigo trabalham e se disponibilizaram neste trabalho de investigação, pela simpatia partilha e entrega no decorrer das entrevistas, espero que o resultado seja digno daquilo que são as vossas experiências. As excelentes pessoas que conheci nesta jornada Académica, os meus colegas do ano de 2018 à 2020, a todos muito obrigado pelo companheirismo.

Também agradecer a minha prima Irene Da Graça, Celestina Machado e amiga Adriana Manuel, pela força e encorajamento, pelas gargalhadas e paciências aos meus desabafos.

Ao meu tio Jeremias Timóteo, e a todos meus amigos que de perto ou de longe incentivaram na minha licenciatura.

Para terminar, agradeço a DEUS todo poderoso pois sempre foi ele o meu trabalho e no meu viver.

Epígrafe

“ A árvore quando está sendo cortada, observa com tristeza que o cabo do machado é de madeira

(Provérbio Árabe)

RESUMO

Diante do desafio crítico que o assédio sexual representa no contexto do liceu do N'zeto Zaire e seus impactos no processo de ensino-aprendizagem, é crucial adotar uma abordagem abrangente para enfrentar essa problemática. Nesse sentido, propõem-se diversas medidas interconectadas que visam criar um ambiente educacional seguro, inclusivo e propício ao desenvolvimento integral dos alunos. Primeiramente, a implementação de políticas anti-século é fundamental. Estas políticas devem ser robustas, claras e abrangentes, delineando procedimentos de denúncia e consequências para os agressores. A disseminação eficaz dessas políticas, alcançando alunos, professores, funcionários e pais, é vital para sua eficácia. Além disso, é imperativo investir em programas educativos que abordem questões de respeito, consentimento e relações saudáveis, integrando essas iniciativas ao currículo regular. A educação para a conscientização desde cedo é essencial para promover uma cultura de respeito mútuo e prevenir comportamentos inadequados. O treinamento contínuo de professores e funcionários é outra peça-chave nesse quebra-cabeça. Capacitar educadores para identificar, lidar e prevenir casos de assédio sexual, bem como torná-los recursos de apoio eficazes, contribui para criar um ambiente escolar seguro e confiável. A criação de canais de denúncia anônima e acolhedora é um passo crucial para incentivar os alunos a relatar casos de assédio sem receio de represálias. Integrar temáticas de gênero no currículo é outra medida relevante, permitindo discussões críticas sobre igualdade de gênero, estereótipos e normas sociais que podem contribuir para o assédio. Por fim, uma parceria ativa com a comunidade, envolvendo os pais na promoção de valores e comportamentos respeitosos em casa, é essencial.

Palavras – chave: Consequências ;Assédio; Assédio sexual; Processo de ensino Aprendizagem; Alunos.

ABSTRACT

Given the critical challenge that sexual harassment represents in the Nzetu Zaire high school context and its impacts on the teaching-learning process, it is crucial to adopt a comprehensive approach to address this issue. In this sense, several interconnected measures are proposed that aim to create a safe, inclusive educational environment conducive to the integral development of students. Firstly, the implementation of anti-harassment policies is fundamental. These policies must be robust, clear and comprehensive, outlining reporting procedures and consequences for perpetrators. Effective dissemination of these policies, reaching students, teachers, staff and parents, is vital to their effectiveness. Furthermore, it is imperative to invest in educational programs that address issues of respect, consent and healthy relationships, integrating these initiatives into the regular curriculum. Awareness education from an early age is essential to promote a culture of mutual respect and prevent inappropriate behavior. Ongoing teacher and staff training is another key piece in this puzzle. Empowering educators to identify, address, and prevent cases of sexual harassment, as well as making them effective support resources, contributes to creating a safe and trusting school environment. Creating anonymous and welcoming reporting channels is a crucial step in encouraging students to report incidents of harassment without fear of reprisal. Integrating gender themes into the curriculum is another relevant measure, allowing critical discussions about gender equality, stereotypes and social norms that can contribute to harassment. Finally, an active partnership with the community, involving parents in promoting respectful values and behaviors at home, is essential.

Keywords: Consequences; Harassment; Sexual harassment; Teaching process Learning; Students.

LISTA DE TABELAS

Tabela nº1 Dados demográficos Sexo.....	55
Tabela nº2. Presenciou ou teve conhecimento de caso de assedio sexual ocorrido em sua instituição.....	55
Tabela nº3 Acredita que o assedio sexual pode influenciar negativamente o desempenho acadêmico dos alunos.....	56
Tabela nº4 Como o assedio sexual pode impactar a relação de confiança entre professore alunos.....	57
Tabela nº5 O assedio sexual nas escolas, pode ter como consequência o abuso sexual, sofrem consequências a nível psicológico, emocional e acadêmico.....	57
Tabela nº6 A criança vítima de assédio sexual pode apresentar várias consequências e sintomas como episódio traumático.....	58
Tabela nº7 ao nível emocional, a criança vitima do assedio sexual, pode demonstrar raiva, sentimento de culpa, ansiedade ou medo constante, tristeza profunda, vergonha.....	59
Tabela nº8 A vítima, pois é visíveis a falta de concentração e a dificuldade de aprendizagem em consequência, estas não terão um bom rendimento acadêmico.....	60
Tabela nº 9 Já presenciou ou teve conhecimento de caso de assedio sexual ocorrido em sua instituição.....	61
Tabela nº10 Como você sentiu –se em relação ao caso verificado do assedio sexual.....	62
Tabela nº 11. Como o assedio sexual afecta o ambiente escolar.....	63
Tabela nº 12. Acredita que o assedio sexual pode impactar o desempenho acadêmico e o aprendizado do aluno.....	64
Tabela nº 15. Você acha que aos alunos vitimas recebem o apoio necessários da instituição.....	67
Tabela nº16. Em caso de alguém fosse vitima de assedio sexual, quais recursos ou apoios procuraria.....	68
Tabela nº17. Qual é o papel dos pais / encarregados de educação na prevenção do assedio sexual na escola.....	69

Tabela nº 18. Acredita que o assédio sexual pode ter impacto sobre o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional dos alunos.....	70
Tabela nº19 Quais são as possíveis consequências do assédio sexual sobre o engajamento dos alunos na escola.....	71
Tabela nº 20. Acredita que a escola oferece informações e recursos suficientes para lidar com o assédio sexual.....	72
Tabela nº21. Caso um aluno fosse vítima de assédio sexual, como lidar com a situação.....	73
Tabela nº22. Os pais e encarregados de educação tem colaborado com a escola para prevenir e abordar o assédio sexual.....	74
Tabela nº 23. Quais os principais desafios a enfrentar na escola em relação ao assédio sexual.....	75
Tabela nº24. A educação sobre assédio sexual deveria fazer parte das conversas em famílias.....	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico nº1 Dados demográficos Sexo.....	55
Gráfico nº2. Presenciou ou teve conhecimento de caso de assedio sexual ocorrido em sua instituição.....	55
Gráfico nº3 Acreditas que o assedio sexual pode influenciar negativamente o desempenho acadêmico dos alunos.....	56
Gráfico nº4 Como o assedio sexual pode impactar a relação de confiança entre professore alunos.....	57
Gráfico nº5 O assedio sexual nas escolas, pode ter como consequência o abuso sexual, sofrem consequências a nível psicológico, emocional e acadêmico.....	57
Gráfico nº6 A criança vítima de assédio sexual pode apresentar várias consequências e sintomas como episódio traumático.....	58
Gráfico nº7 ao nível emocional, a criança vitima do assedio sexual, pode demonstrar raiva, sentimento de culpa, ansiedade ou medo constante, tristeza profunda, vergonha.....	59
Gráfico nº8 A vítima, pois é visíveis a falta de concentração e a dificuldade de aprendizagem em consequência, estas não terão um bom rendimento acadêmico.....	60
Gráfico nº 9 Já presenciou ou teve conhecimento de caso de assedio sexual ocorrido em sua instituição.....	61
Gráfico nº10 Como você sentiu –se em relação ao caso verificado do assedio sexual.....	62
Gráfico nº 11. Como o assedio sexual afecta o ambiente escolar.....	63
Gráfico nº 12. Acreditas que o assedio sexual pode impactar o desempenho acadêmico e o aprendizado do aluno.....	64
Gráfico nº 15. Você acha que aos alunos vitimas recebem o apoio necessários da instituição.....	67
Gráfico nº16. Em caso de alguém fosse vitima de assedio sexual, quais recursos ou apoios procuraria.....	68
Gráfico nº17. Qual é o papel dos pais / encarregados de educação na prevenção do assedio sexual na escola	69

Gráfico nº 18. Acredita que o assédio sexual pode ter impacto sobre o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional dos alunos.....	70
Gráfico nº19 Quais são as possíveis consequências do assédio sexual sobre o engajamento dos alunos na escola.....	71
Gráfico nº 20. Acredita que a escola oferece informações e recursos suficientes para lidar com o assédio sexual.....	72
Gráfico nº21. Caso um aluno fosse vítima de assédio sexual, como lidar com a situação.....	73
Gráfico nº22. Os pais e encarregados de educação tem colaborado com a escola para prevenir e abordar o assédio sexual.....	74
Gráfico nº 23. Quais os principais desafios a enfrentar na escola em relação ao assédio sexual.....	75
Gráfico nº24. A educação sobre assédio sexual deveria fazer parte das conversas em famílias.....	76

SIGLAS

DST – Doença Sexualmente Transmissível

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

HIV – vírus da imunodeficiência humana

PCN- Parâmetros Curricular Nacionais

PPP- Projecto Político Pedagógico

UNESCO- Organização das Nações Unidas ara a Educação

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	I
AGRADECIMENTOS	II
Epígrafe.....	III
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	117
1.1.Definições de termos e conceitos.....	117
1.1.1.Consequências;.....	117
1.1.2.Assédio sexual;	117
1.1.3.Processo de ensino Aprendizagem;	118
1.1.4.Alunos	118
1.5.Consequências - Sinais apresentados por crianças vítimas de abuso.....	25
1.9.Educação em sexualidade nas escolas.....	33
1.10.O Espaço Escolar Como Ambiente Estratégico Para O Combate E Prevenção Do Abuso Sexual Infantojuvenil.....	34
1.11.Construindo uma cultura de cidadania e de prevenção da.....	37
Violência sexual	37
1.12.A Educação Sexual no Contexto Familiar	38
1.13.O Papel do Professor na Educação Sexual dos Alunos.....	41
CAPÍTULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	48
2.1. Tipo de pesquisa	48
2.2. Modelos de abordagem.....	48
2.3. Níveis de estruturação de métodos.....	48
2.3.1. Nível estatístico/matemático.....	49
2.3.2. Nível empírico	49
2.3.3.Nível teórico	49
2.4. Técnicas de recolha dos dados.....	50
2.5. Instrumentos e procedimentos	50
2.6. População e Amostra	50
CAPÍTULO III. DISCUSSÃO E RESULTADOS	52
3.1. Caracterização do campo de pesquisa	52
3.2. Inquérito aplicado aos Professor	53

3.3. Inquérito com alunos	61
3.4. Inquérito com pais / encarregados de educação	68
Conclusões.....	75
Sugestões	76
Referência Bibliográfica	78
Apêndice.....	i
Anexos.....	ii

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, os adolescentes têm tido contacto cada vez mais cedo com fontes que influenciam no desenvolvimento precoce de sua sexualidade como os programas de televisão, músicas com letras maliciosas acompanhadas por coreografias insinuantes, dentre muitos outros. Nota-se também, que mesmo havendo uma maior abertura para o diálogo entre pais e filhos, esse tema ainda apresenta resistência por parte dos pais que acabam por transferir a responsabilidade da orientação sexual para as escolas.

Sabendo que a situação do assédio sexual não é um fenómeno recente nas instituições públicas, privadas e público-privadas, sejam elas assim como, os mecanismo de denuncia são pouco visíveis provavelmente por causa do medo de ser conotado/a, repor no caso de alunos, perder o emprego ou serem despromovido dos seus cargos.

Lamentavelmente tal prática acontece onde o professor é considerado como o segundo pai dos seus alunos, pois ao professor é incumbida a nobre missão de velar pela instrução e educação dos futuros architectos e transformadores do País. No entanto aceitar, o assédio sexual no contexto escolar pode-se tornar num dos factores que contribui para a desacreditação do processo de ensino/aprendizagem.

Logo a necessidade de mudança do quadro de assédio sexual e de outras violências contra as mulheres, é gritante, precisa-se urgentemente de providências para que as mulheres sejam respeitadas.

Para tal, é muito importante que a escola enquanto espaço privilegiado de formação do ser humano, intervenha, e adote uma política igualitária e que o educador procure compreender o universo paralelo dos alunos, como pensam e agem dentro e fora do âmbito escolar.

De todo modo, o estudo sobre o assédio sexual vivenciados por jovens trabalhadores é relevante, quer seja o assédio praticado contra eles mesmos, quer contra terceiros, pela importância dos jovens na estrutura social e de suas experiências para a formação da massa trabalhadora.

Além disso, o tema proposto é uma forma de contribuição ao meio académico, já que o mesmo é relativamente recente, com poucas pesquisas, tanto em relação ao assédio sexual, quanto referente aos jovens trabalhadores. Acrescentam-se,

ainda, as dificuldades de se pesquisar sobre um tema tão delicado e importante para as pessoas e para as instituições. Ademais, o presente trabalho poderá gerar a possibilidade de desnudar uma parte da realidade desse público que pode ser alcançada por políticas e práticas de gestão de pessoas nas organizações que a abrigam.

Infelizmente, não são raros os casos de crianças e adolescentes que são molestadas sexualmente por familiares, amigos da família e até mesmo estranhos, que se aproximam aproveitando de sua inocência, acuando-as e intimidando-as ou até mesmo corrompendo-as com balas, presentinhos ou pequenas quantias em dinheiro.

Também importa à escola, ter um olhar perceptivo voltado para toda e qualquer situação de violência sexual, desigualdades, discriminação e etc. dentro e fora da sala de aula, pois a mesma é um espaço mediador do desenvolvimento do ser humano não só para o campo educacional, mas também para o campo ético, político, social e das relações humanas.

De acordo com Sampaio (1996, p.76) a prática da educação sexual nas escolas deve proporcionar a redução do nível de ignorância a cerca dos problemas sexuais com o fornecimento de informações promovendo o desenvolvimento da pessoa como um todo, melhorando suas relações interpessoais e estabelecendo códigos morais em relação ao comportamento sexual.

A família constitui a base da formação da educação da criança. É no seio familiar que a criança dá início à sua formação sexual apoiando-se nas informações que lhes são fornecidas por seus pais. A conduta dos pais possui grande peso na formação sexual de seus filhos.

Tem se tornado cada vez mais comum encontrar adolescentes grávidas ou até mesmo com seus bebês no colo dentro das salas de aula, mesmo com a grande facilidade de prevenção existente nos dias atuais. Muitas dessas adolescentes engravidam já em seus primeiros ciclos menstruais assim como em suas primeiras experiências sexuais, expondo-se também ao risco de contaminação por uma Doença Sexualmente Transmissível - DST.

Entretanto, a escola ainda precisa ampliar o debate sobre sexualidade, relações de gênero e o assédio sexual, pois alguns casos relatados por Alltmann

(2003, p.87) apresentam uma dificuldade nas relações entre os géneros, pois a

sociedade ainda considera que o homem precisa ser mais rígido e menos afectivo com o género oposto, em geral, considerado objecto sexual. Nesse sentido, a escola tem uma tarefa fundamental quanto as relações de género, que podem se tornar violentas e abusivas

Este trabalho de investigação foi motivado pelo nosso contexto e experiência profissional, principalmente nas dificuldades sentidas no começo da nossa prática docente, e pela necessidade de compreender a problemática do assédio sexual nas escolas.

No dia -a- dia temos nos deparado com várias situações de assédio sexual, bem como o relato de muitas estudantes vitimas desta triste realidade.

O assédio sexual possui duas configurações conceituais: quando a vítima é coagida para que preste algum favor sexual por estar hierarquicamente inferior ao violentador, e quando a vítima é constrangida ou tem seu corpo violado por ser do sexo feminino, ou seja, quando ocorre por conta do preconceito de género.

O assédio sexual pode desencadear varias consequências. Incluí a violência física e a violência mental como coerção - Forçar alguém a fazer o que não quer. Pode ter uma longa duração - a repetição de piadas ou trocadilhos de carácter sexual, convites constantes para sair ou inaceitáveis conversas de natureza sexual. Pode também ser apenas um único acidente - tocar o apalpar alguém, de forma inapropriada, ou até abuso sexual e violação.

Em virtude deste contexto define-se como problema de pesquisa;

Quais são as consequências do assédio sexual no processo de ensino aprendizagem entre Alunos da 10ª e 12ª classe caso Liceu Municipal do N´zeto / Zaire no ano Lectivo 2022/2023?

Formulação das hipóteses

H1- Tem como consequência a violência mental, violências físicas contra as vítimas.

H2. A aluna vítima de assédio sexual apresentar sinais e sintomas como episódio traumático.

H3. Ao nível emocional, a aluna pode demonstrar raiva, sentimento de culpa, ansiedade ou medo constante, tristeza profunda, vergonha.

Objectivos

Com base no propósito estabelecido pela pergunta de partida formulamos os seguintes objectivos geral.

Geral

Conhecer as consequências do assédio sexual no processo de ensino aprendizagem entre Alunos da 10ª e 12ª classe caso Liceu Municipal do Nzeto / Zaire no ano Lectivo 2022/2023

Específicos

Destacar os casos de assédio sexual dentro da escola.

Identificar razões que estão na base do assédio sexual no processo de ensino aprendizagem entre alunos da 10ª e 12ª classe caso Liceu.

Descrever as principais consequências de assédio sexual no processo de ensino aprendizagem entre Alunos da 10ª e 12ª classe caso Liceu Municipal do N'zeto / Zaire no ano Lectivo 2022/2023

Contribuir através das sugestões, acções que desencorajam esta pratica entre os alunos na instituição.

Justificativa

Na condição de pesquisadora, chamou-me atenção está questão que abordamos, visto que muitos são os casos de assédio sexual nas escolas, na maioria das vezes, por parte das meninas, com os professores.

A partir deste estudo, tendo por base as nossas experiências no início do exercício da prática docente, consideramos que pode facilitar os profissionais de educação, com o papel de orientar, conduzir, integrar e acompanhar os alunos vitimas a dar resposta às dúvidas.

As razões do interesse pela pesquisa sobre as consequências do assédio sexual no processo de ensino aprendizagem entre alunos foram decorrentes da necessidade da pesquisadora enquanto ser social e pedagoga, pretende -se conhecer de forma mais aprofundada o fenómeno para então, intervir nessa

realidade, identificando casos de suspeita ou confirmação de assédio sexual no processo de ensino aprendizagem nas escolas . Assim, romper seu ciclo, bem como oferecer apoio pedagógico e encaminhamento psicológico às vítimas.

A presente pesquisa permitirá a sociedade saber o grau de conhecimento que os profissionais de educação possuem sobre as consequências do assédio sexual no processo de ensino aprendizagem e até que ponto estão preparados diante deste problema.

O estudo também será uma fonte de pesquisa para os futuros investigadores, alunos do curso de pedagogia a qual poderão aprofundar seus conhecimentos em relação ao assunto, além de oferecer informações sobre a realidade das escolas do município, referente ao tema.

Tendo em conta estes aspectos, consideramos relevante estudar esta temática, aclarando conceitos que provêm do tema.

Assim, torna-se de fácil compreensão a nossa preocupação e necessidade em aprofundar o conhecimento sobre esta matéria e perceber como decorre o acompanhamento dos professores principiantes nas instituições educativas.

Pretendemos, igualmente, apresentar uma proposta de acção que conduza ao acompanhamento das vitimas, de modo a conseguir geri-la da melhor forma, bem como ajudá-los a perceber as estratégias mais adequadas a implementar junto dos alunos.

Delimitação Do Estudo

Portanto, participaram desta pesquisa 37alunos, 9 professores e 11 encarregados de educação prefazendo assim um nº de 57 inqueridos atraves do questionário com perguntas fechadas.

Por esta razão, para o nosso estudo de investigação científica definimos como os limites:

a) Abordagem: A pesquisa estará focada nas consequências do assédio sexual no processo de ensino aprendizagem.

b) Espacial: o campo de actuação, serão os Alunos da 10ª e 12ª classe caso Liceu Municipal do Nzeto / Zaire. O espaço temporal, compreende o ano Lectivo 2022/2023.

Relativamente a estrutura organizativa do trabalho, está estruturado em três capítulos, a saber:

O primeiro capítulo apresenta uma reflexão sobre a fundamentação teórica sobre o assédio sexual. O segundo capítulo fará referência aos aspectos metodológicos a utilizar durante a pesquisa. O terceiro capítulo apresentar os resultados obtidos e discussão através das entrevistas efetuadas no campo. Por fim, conclusão, sugestões e as referências bibliográficas.

CAPÍTULO I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Definições de termos e conceitos

1.1.1. Consequências

Com origem na palavra latina *consequência*, consequência é o resultado ou o efeito de algo anterior. Existe uma correspondência entre o resultado e o facto que gera, Platini (2016).

Segundo a equipe Editorial de Conceitos (2014, p.87), consideram que, a consequência é um acontecimento que vem de outro acontecimento. Por exemplo: "Bati o carro e machuquei minha perna", machucar a perna é a consequência de bater o carro. "Engordei muito e não entro na calça", o fato de não entrar nenhuma calça é a consequência de engordar.

1.1.2. Assédio

Segundo o Artlhur (1998), diz que o assédio: é a busca de favores sexuais numa relação de poder. Na maioria dos casos está envolvido um chefe, que sob pena de sanções, apresentadas de forma mais ou menos explícita, compele uma subordinada a práticas sexuais que não são do seu agrado, podendo culminar com o despedimento ou a exclusão da possibilidade de promoção, caso haja em ceder.

1.1.3. Assédio sexual

Na perspectiva de Robert (2003, p. 24) "Assédio Sexual: caracteriza-se por propostas de relações sexuais. Baseia-se, na maioria das vezes, na posição de poder do agente sobre a vítima, que é chantageada e ameaçada pelo autor.

O assédio sexual é um conjunto de comportamentos indesejados, percebidos como abusos de natureza física, verbal ou não verbal, podendo incluir tentativas de contacto físico perturbador, pedidos de favores sexuais com o objectivo ou efeito de obter vantagens, chantagem e mesmo uso de força ou estratégias de coacção da vontade da outra pessoa. Geralmente são reiterados podendo também ser único e de carácter explícito e ameaçador (Torres et al., 2016, p. 56).

1.1.4. Processo de Ensino Aprendizagem

Etimologicamente “ensinar, é colocar dentro, gravar no espírito”. A concepção da escola nova “ensinar é criar condições de aprendizagem”. A aprendizagem “é um processo de aquisição e assimilação, mais ou menos consciente, de novos padrões e novas formas de perceber, ser, pensar e agir” (Piletti, 2004, p. 36).

Considerando os dizeres de Piletti, hoje, ensinar não pressupõe a transferência de conhecimentos do aluno ao professor, mas sim, criar um ambiente favorável para que ocorra a aprendizagem de forma efectiva e significativa, considerando os conhecimentos prévios que o aluno carrega.

Libâneo (2006, p.p. 54-90) define o processo de ensino-aprendizagem como sendo “o conjunto de tarefas realizadas de forma bilateral entre o professor e o aluno, tendo em conta a apreensão de conhecimentos, bem como o desenvolvimento de certas habilidades”.

1.1.5. Alunos

É a ocupação de indivíduo consagrado ao estudo (Oliveira (1997, p.50).

Aluno é a pessoa que recebe instrução no estabelecimento de ensino; estudante, discípulo; aprendiz, (Dicionário académico de Língua Portuguesa 2006, p. 53).

Assim, “os alunos podem ser parte muito mais ativa do processo de construção do novo conhecimento” (Ponte, 2009, p. 101). Logo, o professor pode começar por apresentar uma tarefa onde utilize os conhecimentos do aluno e que permita o desenvolvimento de novos conceitos.

Na perspectiva de Camacho e Tavares (2014), aluno é aquele que recebe instruções de outrem; discípulo; aprendiz de um ofício.

O aluno torna-se central no processo de ensino-aprendizagem. Ele é o verdadeiro actor do processo já que as novas aprendizagens somente se tornarão possíveis a partir dos conceitos, crenças, representações e conhecimentos que ele construiu ao longo das suas experiências (Almeida, 1993).

1.2. Sexualidade: perspectiva histórica e conceituação

O termo sexualidade surgiu no início do século XIX a fim de estabelecer relação entre os campos diversos do conhecimento que se ligavam ao termo.

Aspectos biológicos e aspectos sócio individuais relativos ao comportamento humano, bem como regras e normas que culturalmente ordenaram os conceitos em torno da sexualidade, (Foucault, 2006, p. 9).

Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade. Eram frouxos os códigos da grosseria, da obscenidade, da decência, se comparados com os do século XIX. Gestos diretos, discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos “pavoneavam”. Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. (Foucault, 2006, p. 9).

O que antes era apresentado sem o menor pudor, passa a ser controlado pelo discurso que, silenciado, com o passar dos tempos, transforma a realidade em torno a uma temida sexualidade, significando-a de forma e segmentada, causando assim “um certo estranhamento do sujeito humano com sua própria sexualidade.” (Nunes, 1959, p. 13).

A sexualidade passa a ser vista como algo distante do indivíduo. Ligada, usualmente, ao pecado, e assim passa a ser compreendida de forma coibida, e que “frequentemente [...] se encontra envolta em um feixe de valores morais, determinados e determinantes de comportamentos, usos e costumes sociais que dizem respeito a mais de uma pessoa. Daí o seu carácter social explosivo” (Nunes, 1959, p. 13), pois parece intocável e danosa. Isto é, a sexualidade se transforma numa questão intocável e danosa que delimita espaços entre o “meu” e o “teu”, citando os conceitos de Buber (1878,p.40)

Segundo esse autor, (judeu de origem austríaca, filósofo, escritor e pedagogo) não há existência sem comunicação e diálogo, ou seja, entre a relação Eu-Tu, ou entre experiência do Eu-Isso, que possibilitam a existência.

Segundo Buber(1878,p.40) o ser humano nasce com a capacidade intersubjetiva de considerar ao outro um viés de inter-relacionamento que capacita os relacionamentos entre o Eu e o Tu. Neste viés de análise pode-se compreender que à “trancafiada sexualidade”, por apresentar-se como forma de inter-relacionamento, passa a fazer parte, presente ou velada, do conjunto da realidade que entorna ao ser humano, capacitando o desvelar de questionamentos em torno dela. Ainda, com certo resguardo, mas abrindo a possibilidade do dialogo com o Eu e com o TU no espaço da identidade sexuada.

Não se fala da sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes. Este relativismo não pode ser irresponsável. Ele nos permite perceber a construção social da sexualidade sem, contudo, fazê-lo de modo destrutivo ou imaturo. É uma tarefa gigantesca. (Nunes, 1959, p. 14)

Entendemos então que, para compreendê-la, faz-se necessário incluir a sexualidade em dimensões que abrangem toda a pessoa. Desta forma, Marciano Vidal (2002) propõe dimensões que viabilizem a compreensão da sexualidade como uma questão não apenas restrita ao “sexo” uma vez que ela tem “repercussões em todas as manifestações da vida pessoal” (Vidal, 2002, p. 20).

A sexualidade é dinâmica, evoluindo ao longo da vida, mesclando-se aos valores que, socioculturalmente capacitam que; “assim como a pessoa [...] se exprime em diversos níveis, assim também o sexo conhece diversos níveis de expressão” (Vidal, 2002, p. 21). “A sexualidade desempenha um papel decisivo no desenvolvimento [...] ordena-se no sentido total da existência humana.

A sexualidade é uma força violenta” (Vidal, 2002, p. 22). Não há como desvinculá-la do processo de desenvolvimento da pessoa, bem assim como não se pode fragmentá-la, ela faz parte das relações do sujeito consigo e com os outros, ou seja, das relações do Eu-isso e do Eu-Tu, nos conceitos de Buber.

1.3. Contribuições de Henri Wallon

Henri Wallon, (médico, professor e psicólogo francês), mesmo não tendo aprofundado nas questões referentes à sexualidade infantil, realizou estudos sobre o desenvolvimento infantil em relação ao que ele denominava pensamento dialético.

A gênese do desenvolvimento da inteligência é genética, segundo esse autor, e organicamente social, isto é, segundo a opinião de Dantas; “o ser humano é organicamente social e sua estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura para se actualizar”. Logo se compreende que o desenvolvimento da criança não é contínuo, porém ele resulta da evolução maturacional dos sistemas biológicos, geneticamente previstos, e da intervenção do ambiente, isto é, dos conflitos e contradições que auxiliam na construção da identidade da criança.

Para Wallon a alternância entre os conflitos de origem exógena e endógena é que ditam o ritmo do desenvolvimento. Wallon aponta que o crescimento biológico, acontece juntamente com o desenvolvimento social e emocional, estando ligados aos aspectos afectivos (Ravagni, 2007, p. 32).

A teoria de Wallon propõe que as análises de situações evitem o reducionismo, buscando sempre ampliá-las ou compreendê-las no espaço de uma visão multifactorial, onde os aspectos sejam observados e ponderados dialeticamente. Isto é, o desenvolvimento da criança pode ser percebido no entrelaçamento de suas condições orgânicas e das condições de existência quotidianas, dentro do contexto social e cultural, numa determinada época.

A análise genética estuda o indivíduo biologicamente e as comparações múltiplas que poder ser percebidas, em relação ao espaço sociocultural, brindam a oportunidade de poder analisar dialeticamente o mundo da criança. Na proposta de Walloniana essas visões não se somam e nem se completam, mas interagem causando efeito uma na outra.

O primeiro estágio é denominado de impulsivo emocional, nesta fase o bebê não entende que tem um corpo próprio uma vez que ele mantém vínculos de dependência, com o adulto, e a emoção é o laço que os une.

A predominância da afectividade orienta as primeiras reacções do bebê. E o outro age, visando atender às necessidades do bebe, abrindo espaço a comunicação. Há uma intensa comunicação afectiva. O bebê, através de suas emoções vai estabelecendo correspondência entre seus actos e os estímulos que o ambiente oferece, exteriorizando seus desejos e suas vontades. A emoção, assim, caracteriza este estagio primário de desenvolvimento, causando impacto no outro e propagando a criança num determinado espaço social.

O segundo estágio é aquele relacionado a sensório-motricidade, ou seja, ao sentir e fazer que permeia, ao longo de cada historia pessoal, a conformação do espaço do “eu” corporal. Por meio de experiências com objetos e com seu próprio corpo, a criança passa a diferenciar o que é do mundo externo e o que é do mundo interno, isto é, seu corpo.

Neste estágio o desenvolvimento da linguagem, propicia a nomeação das ações realizadas motoramente e o desenvolvimento da cognição desponta de forma espontânea. A criança, segundo Wallon, do nome as coisas.

A terceira fase é aquela reconhecida por Wallon como estagio do personalismo, no qual predomina o conteúdo emocional. Este terceiro estágio, que muitos estudiosos consideram como um sub-estágio do sensório-motor, é marcado pela tomada de consciência da propriedade do “eu”.

A criança até o aparecimento do reconhecimento de si como outra entidade no mundo, chama-se ou nomeia-se em terceira pessoa, isto é, João quer, Nenei vai, etc., etc.

A criança, assim, constrói passo a passo seu espaço psíquico e enxerga o adulto, em certos momentos, como uma ameaça quando este “invade” essa progressiva construção psicológica.

No entanto, com os conflitos com o outro a criança passa a afirmar e a diferenciar o eu do outro.

Ao final deste estágio, mais dona de si mesma, dos seus gestos, das suas acções, a criança vai voltar seu interesse para a investigação do mundo exterior, o que inaugura uma nova direcção no seu processo de desenvolvimento, ao emergir o estágio categorial. (Mahoney, 2004, p. 85).

O quarto estágio, descrito por Wallon, é aquele que corresponde a fase do conhecimento formal que gera um salto no desenvolvimento cognitivo, nesse período a criança volta seu interesse ao mundo exterior, há aqui um equilíbrio na função simbólica.

A atenção ou disciplina mental se afirma, neste estágio, devido à maturação dos centros nervosos e a inibição do impulso primário que permite a discriminação do certo e errado ou do lento e rápido, antes e depois, etc., que também são manifestadas mediante actividades posturais e motoras mais precisas e voluntárias.

As manifestações da criança tornam-se mais objectivas capacitando a diferenciação entre o eu e o tu, isto é, o outro, que já tinha sido esboçada no estágio precedente fornecendo condições favoráveis ao reconhecimento do espaço sexuado, ou seja, condição de descriminar:

O quinto estágio; a adolescência, é uma etapa na qual o próprio sujeito se impõe novas definições no espaço da sua personalidade tentando sua autonomia mediante a exploração dos seus próprios limites. Etapa propicia a copia de modelos determinados socialmente.

O sujeito tenta definir sua identidade autónoma, explorando-se e explorando o mundo diante de diversos questionamentos e confrontos consigo mesmo e com os outros. As mudanças corporais, fundamentadas por mudanças hormonais, criam novos e importantes questionamentos de índole afetiva uma vez que,

como expressa (Silva, 2007, p.30) o sujeito busca entender sua identidade no escopo de uma identidade social. Eis também, o momento propício a “ajuda” que os entorpecentes e as drogas, como também o abuso sexual, colocam na mão do adolescente quando este não encontra uma base segura, na família ou na sociedade, para poder resolver os conflitos que esta fase do desenvolvimento coloca em pauta.

De acordo com Ravagni (2007), Wallon não propõe uma rigidez nessas fases, pois entende que as relações sociais, afetivas e emocionais são factores mediadores para o desenvolvimento da criança. “É a partir das inúmeras interações com outros seres no mundo, humanos ou não, que se estabelecem laços de adaptabilidade em relação à realidade psicomotora do próprio indivíduo ou em relação às condições sociais, econômicas e culturais nas quais ele está inserido” (Ravagni, 2007, p. 34).

1.4. Contribuições de Jean Piaget

Piaget (1896-1980), formado em Biologia e Filosofia, dedicou-se à compreensão de como se dá o conhecimento buscando analisar a formação deste na infância. O autor propôs que há uma lógica diferente no pensamento da criança, que posteriormente torna-se lógica adulta, sendo o desenvolvimento, para ele, um processo em que há trocas entre o organismo vivo e o meio ambiente.

Segundo Piaget (1896-1980), mesmo com uma formação contínua, o desenvolvimento é caracterizado por estágios nos quais são construídas estruturas cognitivas. São eles: sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e operatório-formal.

O primeiro estágio, sensório-motor, compreende crianças de zero a dois anos de idade, que não possuem ainda um pensamento lógico (partindo da ideia de que os bebês estão focados somente no presente, desligando-se do futuro ou passado), portanto precisam conhecer o mundo a sua volta por meio da experiência motora com os objectos e aplicando-a às demais coisas, formando assim seus conceitos a partir de algo mais prático. (Piaget, 1896-1980),

A partir de reflexos, como a sucção, a criança vai diferenciando-se dos objectos e pode ocorrer então a diferenciação entre o bebê e sua mãe, e assim é criada nesse momento a noção de tempo, causalidade e espaço. Essa fase é importantíssima, pois a criança passa a ter noção do eu dando suporte para

os demais estágios. (Piaget 1896-1980), estágio pré-operatório é marcado principalmente pela iniciação da fala. Esta fase vai além da representação prática. Agora, essa criança, entre dois e oito anos, poderá formar esquemas simbólicos e lidar com o meio em que está inserida, podendo ter seus desejos, como estar com fome, e pensamentos apoiados em conceitos obtidos nesta fase. (Piaget 1896-1980).

O pensamento adquirido pela criança nessa fase é diferente do adulto, sendo centrado nela mesma, o chamado egocêntrico, e ela mostra-se impossibilitada de se colocar no ponto de vista do outro. É nessa fase que a criança atribui sentimentos às coisas e animais, como dizer que a parede é má porque arranhou o dedo nela ou ainda dar a objectos e animais características humanas. (Piaget 1896-1980).

No operatório-concreto o autor propõe que dos sete aos doze anos o pensamento, como o nome diz, torna-se mais concreto e lógico, de modo que a criança consegue distinguir a realidade da fantasia, absorve valores e regras da sociedade e as cumpre; consegue resolver operações, ordenar e classificar a partir de um material de apoio que seja concreto e possa ser observado. (Piaget 1896-1980)

Nessa fase a criança passa a deixar o egocentrismo e a pensar mais no outro indivíduo. Na última etapa, operatório-formal, a criança ou adolescente, de treze a dezasseis anos, passa a ter um raciocínio mais abstracto, não precisa recorrer ao real, ela consegue fazer deduções e assim solucionar problemas mais elaborados, sendo nesse momento o começo da formação de sua identidade, e ela também consegue defender seus ideais, o que lhe possibilita estudar ou não determinada disciplina (filosofia ou matemática) e fazer suas próprias escolhas, irritando-se com quem a afrontar. (Piaget 1896-1980),

postula, ainda Piaget, que o desenvolvimento da moral, e para ele existem os processos de coacção e cooperação. No que diz respeito à coacção, esta se trata de uma verdade ou forma de pensar imposta a outro indivíduo sem que sua opinião seja considerada uma tirania.

Partindo de seu significado, a coacção é, então, considerada por ele uma contradição para o desenvolvimento moral da criança por reforçar seu egocentrismo, dificultando a relação de reciprocidade. Há apenas uma “heteronomia moral” em que as leis são respeitadas apenas por terem sido impostas. Por serem crianças e não entenderem o mundo à sua volta, elas vivem coagidas pelos pais,

que visam a protegê-las, afastando-as do fogo, por exemplo. Esse sofrimento trazido pela obrigação do dever pode ser sim uma forma de desenvolvimento moral, mas deixa marcas em muitos indivíduos na fase adulta. Logo, por ser uma relação de imposição, que força a criança a estar voltada para si mesma e sem diálogo, não é a preferência de Piaget. (Piaget 1896-1980).

1.5. Consequências - Sinais apresentados por crianças vítimas de abuso

Segundo Ferrari e Vecina (2002, p.51), a violência intrafamiliar implica em uma compreensão histórico-psicossocial do indivíduo e da família, ou seja, como ocorrem as relações pai/mãe/filhos (as) e a forma de relacionamento entre esses membros. Dessa forma se a violência intrafamiliar é construída histórica, psicológica e socialmente, é impossível apontar uma única causa.

É necessário observar características pessoais e circunstanciais dos membros envolvidos. Os reflexos do abuso podem ser notados tanto no presente como no futuro

Segundo as mesmas autoras citadas anteriormente, em famílias onde ocorre abuso sexual observa atitudes erotizadas e ambíguas às quais crianças e adolescentes podem estar aprisionados. Em muitos casos essa é única forma de contato físico vivido pelos membros envolvidos no abuso.

Amor, sexo, carinho e humilhação são vividos de forma ambígua, com desrespeito às necessidades e ao desenvolvimento da criança. Cuidado, orientação e proteção, expectativas de papéis a serem cumpridos pelos adultos são trocados por atitudes de posse e invasão ao corpo da criança e do adolescente. (Ferrari & Vecina, 2002, pp. 76-77).

Summit (1983), descreve mecanismos utilizados pela criança vítima de abuso. Um deles seria o uso ou descoberta de estados alterados de consciência. Outra forma de normalizar é fingir que a parte de baixo do corpo não existe no momento em que ocorre a ação.

Segundo Ferrari e Vecina (2002, p.40), as consequências da violência são diversas e dependem: da idade da pessoa agredida e da que agride; do tipo de relação entre eles; da personalidade da vítima; da duração e da frequência da agressão; do tipo e da gravidade do ato e; da reação do ambiente.

Consequências a curto prazo: problemas físicos; problemas no desenvolvimento das relações de apego e afeto; desenvolve reações de evitação e resistência ao apego; depressão e diminuição da auto-estima; distúrbios de conduta; alterações no desenvolvimento cognitivo; má percepção de si próprio; dificuldades na compreensão e aceitação das emoções do outro.

Consequências a longo prazo: seqüelas físicas; chances de serem pais abusadores no futuro; conduta delinquencial e comportamentos suicidas na adolescência; pode gerar conduta criminal violenta.

Para Furniss (1993, p.12), o dano psicológico pode estar relacionado aos seguintes itens: a idade do início do abuso; a duração do mesmo; o grau de violência ou ameaça; a diferença de idade entre quem comete o abuso e a vítima; quão estreitamente era a relação da pessoa que cometeu o abuso com a pessoa que sofreu o abuso; a ausência de figuras parentais protetoras e o grau de segredo.

Segundo Silva (1998, p.133), a criança que sofreu ou sofre abuso apresenta alguns sinais, tais como: comportamento submisso, agressividade, pouco sociáveis, comportamento pseudomaduro, insinuação de atividade sexual, brincadeiras sexuais persistentes, chegam cedo a escola e saem tarde da mesma, incapacidade de concentração na escola e queda do rendimento, medo de pessoas do mesmo sexo do agressor, comportamento aparentemente sedutor com pessoas do mesmo sexo do agressor, fuga de casa, alterações no sono, auto-mutilação, alterações na personalidade, transtorno de estresse pós traumático.

1.5.1. Sofrimento

Para Furniss (2002, p.55), o abuso sexual apresenta danos primários, ou seja, causados pelas etapas do abuso – fase de sedução, da interação sexual abusiva e do segredo – e secundários, causados por fatores diversos e subsequentes ao abuso – estigmatização social; traumatização secundária no processo interdisciplinar; traumatização secundária no processo família-profissional; traumatização secundária no processo familiar; no processo individual.

A traumatização secundária refere-se segundo Furniss (2002, p.60), a estigmatização que a criança abusada e a família podem sofrer socialmente. Assim como o conflito entre os sistemas legais e as necessidades psicológicas da criança e de proteção, pois o sistema legal ainda não se adaptou completamente aos aspectos dos direitos humanos da criança.

A intervenção profissional pode acarretar sofrimento tanto a criança como a família, visto que os procedimentos empregados não alcançam os objetivos esperados e dessa forma interação e vínculo criança – terapeuta e família- terapeuta ficam prejudicadas. A criança abusada pode ser vista por seus familiares como bode expiatório e com isso, punida e castigada e acusada por todos os problemas familiares. A vulnerabilidade da criança pode favorecer novos ciclos de abusos.

Segundo Furniss (1993, p. 26), crianças que sofrem abuso prolongado frequentemente podem expressar sentimento de culpa. Sua origem deve-se ao seu senso equivocado de responsabilidade, que ela deriva do fato de ter sido participante no abuso. Tal confusão muitas vezes tem como contribuição as ameaças de quem cometeu o abuso, que na maioria das vezes a responsabiliza pelas consequências que podem ser geradas caso seja revelado o abuso.

No caso de meninos que sofreram abuso sexual, eles podem apresentar dúvidas quanto à sexualidade, sentindo-se muitas vezes fora do padrão estabelecido socialmente, no qual o homem tem de se defender e de que sempre são capazes de evitarem agressões de qualquer natureza. Sem contar que a mídia sempre os aponta como agressores e não como possíveis vítimas (Abrapia, 2002, p.14).

Com base no trabalho de Silva (1998, p.39), será discutido como os sinais mencionados pela autora geram sofrimento a criança vítima de abuso sexual. Um desses sinais é o comportamento submisso, no qual a criança sofre manipulação em todos os aspectos de sua vida, o que a impossibilita de tomar suas próprias decisões e tornar-se independente.

A agressividade e pouca socialização ocorrem pela tentativa que a criança faz de sinalizar que algo está errado e muitas vezes não ser escutada por aqueles que são próximos a ela gera descrédito e mais frustração na criança.

O comportamento pseudomaduro da realidade serve como uma fachada. Uma introdução prematura ao sexo cria uma aparência exterior sofisticada, que esconde uma criança amedrontada e insegura.

A insinuação de atividade sexual pode ocorrer sem uma explicação direta do que aconteceu como, por exemplo, no caso de um programa de televisão no qual é exibida uma cena onde um homem mais velho se insinua a uma menina bem mais jovem e a criança comenta que o homem que aparece no programa lembre o membro da família que abusa da criança. Também podem ocorrer com frequência as brincadeiras sexuais persistentes.

Crianças que foram erotizadas prematuramente tornam-se mais concentradas em atividades sexuais, muitas se masturbam continuamente e frequentemente sozinhas ou em público. Quando há restrições de adultos quanto a masturbação muitas crianças podem utilizar objetos dentro de suas roupas a fim de obterem a mesma sensação que a masturbação provoca.

Vítimas de incesto frequentemente chegam cedo à escola e saem tarde da mesma. Uma intenção de manterem-se afastados de seus lares, já que esse local não representa segurança a elas.

A escola, portanto, torna-se um local de refugio. Frequentemente crianças vítimas de incesto tem restrição de seus responsáveis de terem amizades fora do ambiente escolar. Apesar dessas crianças tentarem ter amizades na escola apresentam dificuldades para criarem vínculos.

Crianças vítimas de abuso sexual podem apresentar dificuldades de concentração e queda no rendimento escolar por estarem emocionalmente sobrecarregadas, antecipando o próximo encontro, criando formas para fugir deles e preocupadas com as tensões familiares.

A criança que apresenta um comportamento aparentemente sedutor pode sofrer uma série de outros problemas. Ao relatar o abuso, a vítima sendo uma adolescente pode ser culpada por ter seduzido o agressor. Podem também transferir esse comportamento para relacionamentos com outras pessoas, o que pode gerar uma nova agressão sexual.

Nem mesmo o mais sexualizado ou sedutor comportamento jamais poderia tornar a criança responsável pela resposta adulta de abuso sexual, em que a pessoa que comete o abuso satisfaz seu próprio desejo sexual em resposta a necessidade da criança de cuidado emocional. (Furniss, 1993, p.21).

A fuga de casa pode ocorrer na adolescência, momento em que se encontram desesperadas, sem alternativas e sem confiança em um adulto. Normalmente o real motivo da fuga não é revelado, a não ser que um adulto sensível e que transmita confiança a adolescente tenha possibilidade de um relacionamento que favoreça a revelação de tal ação.

O distúrbio de sono também pode ser um sinal apresentado pela criança que sofreu abuso sexual. Essas crianças frequentemente têm pesadelos noturnos, podem permanecer acordadas e hipervigiastes, antecipando um próximo ataque.

Quando conseguem dormir seu sono é inquieto e acordam cansadas, prejudicando o desenvolvimento de suas atividades durante o dia. Dormir em excesso também pode ser um sinal, no qual a criança evita a realidade no sono.

Automutilação é na maior parte das vezes praticada por crianças mais velhas, adolescentes. Esse tipo de comportamento pode ser abordado de diferentes ângulos, muitas vítimas encontram-se deprimidas e com baixa autoestima, ao ferir o próprio corpo fazem uma tentativa de torná-los menos sedutores; tentam apagar a lembrança do abuso provocando dor; pode ser considerado também uma autopunição, por sentirem-se muitas vezes culpadas pelo abuso.

Segundo Caminha (1994 citado por Amazarray & Koller, 2005, p.57), o Transtorno de Estresse Pós Traumático (TEPT) apresenta as seguintes manifestações: reexperimentação dos fenômenos (lembranças intrusas, sonhos traumáticos, jogos repetitivos, comportamento de reconstituição, angústia nas lembranças traumáticas); evitação psicológica (fuga de sentimentos, pensamentos, locais e situações, interesse reduzido em atividades habituais, sentimento de estar sozinho, embotamento afetivo, transtorno de memória, perda de habilidades já adquiridas, alteração na orientação com respeito ao futuro); estado de excitação aumentado (transtorno do sono, irritabilidade, raiva, dificuldade de concentração, hipervigilância, resposta exagerada de sobressalto e resposta autônoma a lembranças traumáticas).

A dissociação também é um mecanismo presente em vítimas de abuso sexual, segundo Furniss (1993), permite que a criança não perceba a realidade como realidade de abuso.

Assim, no momento em que ocorre o ato sexual a criança pode ter a sensação de não pertencer ao seu corpo ou que seus membros inferiores não fazem parte dela naquele momento.

Segundo Gabel (1997, p.58), a criança percebe o seu corpo como profanado; há perda de integridade física; sensações novas foram despertadas, mas não integradas. A criança exprime a angústia de que algo se quebrou no interior de seu corpo.

Queixas somáticas como mal-estar difuso, impressão de alteração física, persistência das sensações que lhe foram impingidas e dores nos ossos são frequentes.

Podem ocorrer crises de falta de ar, desmaios, problemas relacionados à alimentação, como náuseas, vômitos, anorexia ou bulimia, que poderão assumir, posteriormente, o significado de recusa da feminilidade e a destruição do corpo (mutilação).

À repugnância de si mesma pode se acrescentar rituais de “se lavar”, dermatoses provocadas por lesões consequentes do ato de se coçar, que podem levar até ao sangramento, sendo uma forma de pertencimento do corpo pela excitação, pelo prazer e sofrimento.

Os sofrimentos aqui descritos estão relacionados a identidade do sujeito que sofreu o abuso, a forma como ele se vê e significa o que ocorreu.

Segundo Madanes (1997, p.90), problemas trazidos na terapia têm como questões o amor, proteger e ajudar o outro, ou intrometer, dominar e controlar, provocando dano e abuso. Em muitos momentos a violência pode ter a função de obter amor. Essa linha divisória torna-se então muito tênue. “O desejo de ser amado e apreciado pode externar as melhores qualidades da pessoa, mas, também, pode resultar em irracionalidade, prejuízo e egoísmo” (Madanes, 1997, p.25).

A criança vitimizada possui um sentimento ambíguo em relação ao pai (quando ocorre incesto). Ao mesmo tempo em que sente amor por aquele que chama de pai, sente raiva, pois o mesmo infringe sofrimento, invadiu um espaço que ele muitas vezes pouco conhecia, seu corpo. Como consequência fica marcada para essa criança que para obter amor precisa sentir dor, tanto física como psicológica.

Em alguns casos percebe-se que a criança que foi abusada envolve-se no futuro com outra pessoa que pode vir a abusar novamente dela ou infringir algum outro tipo de violência que não seja sexual. É uma reprodução do que esse sujeito entende como amor. É o modelo que ele possui e carrega na sua história.

1.6. Assédio E Abuso sexual No Meio Escolar

No que concerne ao meio escolar, o abuso e assédio sexual é referido como sendo uma realidade nas escolas moçambicanas. O abuso sexual nas escolas pode ser praticado por professores, funcionários e pelos colegas da rapariga.

Um estudo realizado pela Action Aid (2005) sobre abuso sexual nas escolas moçambicanas que aborda as formas, manifestações e percepções da população estudantil,

concluiu que o abuso sexual não é encarado no contexto da violação dos direitos humanos da mulher, mas sim da ruptura das expectativas relacionadas com o papel social atribuído à mulher nas relações de género, onde a educação tradicional prevê a sua transação como objecto.

Osório (2007, p.94) faz uma análise do género e sexualidade entre os jovens do ensino secundário e constata que o assédio sexual é amplamente conhecido, debatido e objecto de rumores pelos/as jovens (de todas as idades) e é reconhecido como um acto visando estabelecer uma troca de favores sexuais em troca do aproveitamento escolar das alunas.

Analisando o abuso sexual na perspectiva da corrupção, Mosse & Cortez (2006), chamam atenção para o facto de uma das grandes formas de extorção no sector da educação em Moçambique ser por via do sexo.

Referida como extorção sexual, este estudo menciona que os professores usam a intimidação e a ameaça para fazer com que as alunas lhes prestem favores sexuais em troca de uma passagem de classe. Nalguns casos, a cobrança de sexo acontece quando determinada aluna não tem dinheiro para pagar o professor. Caso a aluna se recuse chumba de classe, o que faz com que esta opte por mudar de escola³⁰.

No entanto, os autores referem que existem casos em que as alunas que se envolvem nas situações de extorção sexual com menos resistência, parecendo aceitar a situação com mais facilidade. Nestes casos, as alunas discutem abertamente as formas de pagamento dos favores com o professor (acesso prévio aos testes ou obtenção de notas positivas nas pautas) com vista a melhorar as suas notas.

Em relação aos professores, de acordo com os dados do estudo, estes justificam o seu envolvimento com as estudantes devido aos seus trajes, que de acordo com estes deixam as partes íntimas do corpo à vista.

Mosse & Cortez (2006), recorrem a outros estudos como o de Walker (1996) realizado na província de Nampula, que identifica a exploração sexual das raparigas e a corrupção como um dos principais entraves para a permanência da rapariga na escola.

De acordo com este estudo, os pais preferiam afastar as filhas da escola para que estas não corressem o risco de perder a sua virgindade e de engravidarem.

Esta atitude era uma reacção à corrupção, na medida em que as raparigas são forçadas a oferecer favores sexuais para passarem de classe e caso não o façam reprovam.

Um outro estudo referenciado foi o de Bagnol (1996) realizado em Tete, cujas raparigas do Ensino Primário do 2º Grau (EP2) entrevistadas afirmaram ter repetido a 6ª classe por se terem recusado a manter relações sexuais com o professor, e que os professores recusavam dinheiro das raparigas e exigiam relações sexuais, contrariamente ao que acontece com os rapazes.

Arthur (2003, p.49) apresenta e discute uma série de artigos informativos veiculados nos principais órgãos de informação sobre casos de abuso e assédio sexual ocorridos em diversas escolas do país. O artigo faz também referência as opiniões dos leitores problematizando a falta de uma legislação que permita sanções claras que penalizem os professores que tenham abusado sexualmente das alunas.

1.7. Tipos De Abuso E Assédio Sexual No Contexto Escolar

Action Aid (2008, p.65) refere que o abuso sexual na educação consiste em:

Molestar ou atacar sexualmente uma rapariga ou permitir que este acto ocorra na escola ou fora dela, protagonizado por professores seus ou outros funcionários da escola, em troca de benefícios materiais, nota para passar, matrícula, entre outros;

Encorajar ou forçar uma rapariga a ser usada para a satisfação sexual de professores, funcionários da escola, ou mesmo elementos da comunidade numa situação de desigualdade e coerção;

Envolvimento de uma rapariga em qualquer acto ou actividade sexual com um adulto ou outra pessoa mais velha, ligados ao estabelecimento de ensino que frequenta, antes da idade ou de consentimento reconhecido legalmente;

Matavele (2005, p.87) faz uma análise pormenorizada das formas e contornos em que se manifesta o abuso sexual e apresenta três situações nomeadamente: a forma verbal, o contacto físico sem relação sexual e a relação sexual forçada.

1.8. Consequências Do Abuso E Assédio Sexual No Contexto Escolar

São múltiplas as consequências do abuso e assédio sexual de raparigas. No momento da ocorrência, a rapariga pode ter palpitações e medo de morrer.

Após o acto, ela pode experimentar o estado de choque, solidão, insónias, perda de apetite, agressividade e depressão.

O corpo pode apresentar danos como ferimentos, fracturas, dores diversas, desordens intestinais, problemas menstruais e musculares, tensão alta ou baixa, gravidez indesejada, doenças de transmissão sexual, inclusive HIV e SIDA.

Do ponto de vista psicológico, a rapariga pode ser invadida por sentimento de culpa, injustiça, impotência, cólera, agressividade, solidão, perda de memória, dificuldades de concentração, perda de autoestima, dificuldades para dormir, irritabilidade, nervosismo excessivo, maus sonhos, pesadelos, medos.

Socialmente as raparigas sentem-se humilhadas e degradadas perante a família e a sociedade, verificam-se tensões familiares, as raparigas interrompem temporária ou definitivamente os estudos. Verifica-se um nível de insegurança por parte dos pais e encarregados de educação para mandarem as suas filhas e educandas à escola.

1.9. Educação em sexualidade nas escolas

Em algumas décadas passadas tem havido um debate constante embora instável quanto à educação sexual nas escolas. Entretanto, este debate está relacionado a certos conceitos de sexualidade.

Teixeira *et. elas* (2010, p.70) afirmam que as questões da sexualidade e das relações de gênero atravessam todas as instâncias da vida social: do urbanismo às novas tecnologias de reprodução; dos direitos humanos à publicidade; do emprego à participação pública; da saúde ao lazer; do direito ao turismo; da representação artística aos objetos de consumo; da televisão ao cinema; da literatura ao design; da política ao jornalismo; da internet aos jogos de vídeo; da religião à ciência.

Contudo, a inclusão aos currículos escolares tem sido lenta, difícil e fracturante, pondo em confrontos actores sociais e discursos que apelam à Ciência, mas, raramente, mobilizam os seus saberes.

No Brasil, a criação do tema transversal Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para o ensino fundamental, lançado pelo Ministério da Educação entre 1995 e 1998, houve espaço para que as questões de sexualidade fossem trabalhadas em sala de aula, de forma transversal, ou seja, relacionadas a várias áreas do conhecimento.

O interesse do Estado pela sexualidade da população tornou-se evidente a partir desta proposta.

De acordo com os PCN, em virtude do crescimento de casos de gravidez indesejada entre adolescentes e o risco de contaminação pelo HIV, o tema Orientação Sexual foi criado como um dos temas transversais a ser trabalhado ao longo de todos os ciclos de escolarização. Cabe, portanto, à escola – e não apenas à família – desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa que promova a saúde das crianças e adolescentes (Altmann, 2003, p.35).

Entende-se que a orientação sexual não pode ser introduzida como mais um tópico do programa escolar, mas ser instituída partindo da educação continuada e da vinculação escola/serviço de saúde, utilizando estratégias já existentes em diversos serviços de saúde, os quais abordam ações interligadas como o programa Saúde na Escola.

As questões acerca da relação sexual devem ser discutidas com adolescentes de forma que se sintam seguros para tomar decisões, esclarecendo os riscos de uma gestação na adolescência, bem como repercussões sociais desta escolha (Ascari *et al.*, 2013).

As orientações sexuais dadas através de palestras que ocorrem mais ao final do ensino médio com frequência começam tardiamente para, de fato, servirem como prevenção aos fatores de risco relacionados ao início da vida sexual. Por esse motivo, neste estudo adotou-se o conceito de Educação em sexualidade definido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco):

“A educação em sexualidade pode ser entendida como toda e qualquer experiência de socialização vivida pelo indivíduo ao longo de seu ciclo vital, que lhe permita posicionar-se na esfera social da sexualidade. A educação em sexualidade está presente em todos os espaços de socialização – família, escola, igreja, pares, trabalho, mídia-, mas ocorre de forma pulverizada, fragmentada e desassociada de um plano da sociedade inclusiva baseada nos direitos humanos. Portanto, torna-se relevante a atuação do sistema educacional na tarefa de reunir, organizar, sistematizar e ministrar essa dimensão da formação humana” (Unesco, 2014).

1.10. O Espaço Escolar Como Ambiente Estratégico Para O Combate E Prevenção Do Abuso Sexual Infantojuvenil

É no espaço escolar que as crianças e adolescentes permanecem uma parcela considerável do dia, sendo bastante propício fomentar discussões sobre os mais diversos temas.

No que diz respeito à prevenção de abuso sexual, esta pode ser efetivada na escola em dois níveis: primário e secundário.

A prevenção primária tem como objetivo a eliminação ou redução dos fatores sociais, culturais e ambientais que favorecem o abuso.

A prevenção secundária tem como objetivo a detecção precoce de crianças ou adolescentes em situação de risco, impedindo os atos de violência ou abuso e sua repetição. Informações sobre abuso sexual devem ser cada vez mais propagadas a fim de construir uma sociedade protetora da infância e adolescência (Williams, 2014, p.54).

A prevenção primária é a maneira mais econômica, eficaz e abrangente para se evitar a violência contra crianças. Por meio dela pode-se atuar para modificar condutas e formar novas culturas, sensibilizando e mobilizando a sociedade como um todo (Abrapia, 2002).

O abuso sexual infantil compromete o desenvolvimento global da criança e/ou adolescente, inclusive empobrece os níveis de aprendizado dos conteúdos curriculares escolares. O corpo escolar é um potencial agente identificador de sinais e sintomas de violência. Observação, atenção e intervenção rápidas reduzem os impactos negativos na vida das vítimas (Oliveira *et al.*, 2018).

Uma escola com o compromisso e responsabilidade social para além dos muros escolares, e docentes com formação específica para o manejo em situações de violência sexual, permitem uma atuação de prevenção e combate à violência de gênero, garantindo mais proteção e segurança à população infantil e adolescente brasileira.

É preciso que os profissionais disponham de informações significativas para melhor compreensão das características da violência sexual, para fins de manutenção da saúde do público a ser alcançado, com a divulgação de informações preventivas e implantação de políticas públicas de combate ao abuso sexual infantojuvenil nas escolas. Tais medidas permitem conhecer, apresentar, dimensionar, reeducar e orientar a população para detecção e tomada de atitudes para que seja possível reduzir ou mesmo erradicar as situações suspeitas ou confirmadas de violência sexual (Oliveira *et al.*, 2018).

Situações de violência perpetradas contra crianças e adolescentes atentam contra as regras sociais de responsabilização dos adultos pelos menores e contrariam o que se preconiza no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Estima-se que a cada hora sejam registradas cinco denúncias de violência contra crianças e adolescentes no Brasil através do serviço telefônico disque 100, e este número pode ser ainda maior ao considerar o fato de muitos casos permanecerem em segredo (Almeida, 2017).

O Disque Direitos Humanos - Disque 100 é um serviço público para denúncias de violações e disseminação de informações sobre direitos de grupos vulneráveis. O disque 100 recebe, analisa e encaminha denúncias de violência contra crianças, adolescentes, pessoas idosas, homofobia, racismo entre outras violações de direitos humanos (Brasil, 2018).

No entanto, o ambiente escolar não pode limitar-se somente a denunciar possíveis casos, é necessário estabelecer dentro das escolas, junto aos educadores, familiares e sociedade, medidas protetivas que abordem questões da sexualidade de forma ampla. É imprescindível a elaboração de um plano de ações específicas norteado por uma capacitação profissional adequada para detecção, monitoramento, intervenção, com atuação na prevenção, atendimento e encaminhamento das vítimas de violência sexual.

O desenvolvimento de uma escola atuante com propostas de prevenção e erradicação do abuso sexual infantojuvenil destaca a necessidade de formação específica aos educadores. Através da formação continuada, estes enriquecem suas condutas didáticas e adquirem um manejo adequado no espaço escolar através de conteúdos sistematizados sobre abuso sexual, podendo ser aplicados aos mais distintos públicos e de faixas etárias variáveis atingindo um amplo espectro de medidas informacionais, educacionais e protetivas contra novos casos (Jasper *et al.*, 2013, p.87).

Para diminuir ou mesmo eliminar os altos índices de abuso sexual no Brasil, faz-se necessário o fortalecimento das políticas públicas, levando conhecimento aos agentes sociais, firmando o compromisso de todos no combate ao abuso contra crianças e adolescentes. Fontes e colegas apontam que os métodos mais comuns que integram os programas de prevenção consistem naqueles direcionados aos escolares, no entanto, salienta-se que a abordagem deva ser dirigida a toda comunidade (Machado, 2017, p.45).

No enfrentamento à violência sexual, é necessário realizar um trabalho preventivo com os pais das crianças e adolescentes que frequentam a instituição, principalmente com famílias de crianças “em situação de risco”.

Segundo Andi (2003), crianças “em situação de risco” são:

[...] crianças marcadas pela pobreza estrutural, característica de uma sociedade com profundas divisões de classe e de iníqua distribuição de riqueza. As crianças em situação de risco vivem situações de exclusão social, educacional e de cidadania determinadas também pelas desigualdades sociais, regionais e raciais. (Andi, 2003, *citado* Santos; Ippolito, 2009, p. 49).

Hazeu (2004, p.10) relata que a educação sexual é uma aliada primordial no enfrentamento e coibição de abusos sexuais e outras violências. O autor aponta ainda que é fundamental saber a hora e a melhor maneira de falar sobre sexualidade com as crianças e com seus pais.

Da mesma maneira, refere que conhecer as características de cada fase do desenvolvimento da criança pode ajudar a evitar enganos na maneira de lidar com a sexualidade das crianças e dos adolescentes, entendendo assim a importância da aceitação das diferentes formas de expressão da sexualidade, sem reprimi-las, estando também melhor preparados para detectar possíveis sinais de invasão da sexualidade infantil por adultos (Hazeu, 2004, *citado por* Santos; Ippolito, 2009).

1.11. Construindo uma cultura de cidadania e de prevenção da Violência sexual

A prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes deve acontecer a partir de um trabalho educativo abrangente, focalizando a educação para saúde sexual, seja ela realizada no ambiente domiciliar, na escola ou em unidades de saúde

É importante cuidar para que a sexualidade da criança e do adolescente se desenvolva em um ambiente propício para que eles tenham uma vida sexual saudável, pois a prevenção e o cuidado em relação à violência sexual não devem resultar em medo de sexo (Abrapia, 1997, p.30).

O Guia de referência: “Construindo uma cultura de prevenção à violência sexual” aponta que um importante mecanismo para proteger as crianças e adolescentes contra o abuso sexual é envolver os adultos responsáveis pela sua

educação e, também, que um bom programa de educação sexual continuada tem potencial de empoderar as crianças e os adolescentes para que eles mesmos se defendam de eventuais agressões (Santos; Ippolito, 2009).

O documento também indica que a sensibilização dos familiares e/ou responsáveis pela educação das crianças também é uma frente importante de atuação. A escola deve trabalhar com os pais, estimulando as famílias a se informarem sobre as maneiras de fortalecer a criança e o adolescente contra o abuso sexual (Santos; Ippolito, 2009).

Algumas ações que podem ser praticadas pelos familiares responsáveis são apontadas:

Informar sobre relações de gênero, desenvolvimento e sexualidade. Manter uma relação de confiança com as crianças em que elas sintam que têm um canal aberto de comunicação com mães, pais e outros responsáveis. Dispor de tempo para os filhos, ouvir e acreditar neles, por mais absurdo que pareça o que estão contando. (Santos; Ippolito, 2009, p. 53).

O guia ressalta ainda que é crucial construir uma rede social de suporte que contribua com os familiares nas tarefas de proteção da criança, nos momentos em que o membro da família responsável pela educação da criança precise estar fora do lar por longo período de tempo.

“A maioria dos atos de abuso intra e extrafamiliar ocorre quando a criança se encontra a sós com jovens e adultos na própria casa ou na casa de conhecidos” (Santos; Ippolito, 2009, p. 53).

A informação deve estar na base das atividades de sensibilização da instituição para enfrentar a violência sexual (Santos; Ippolito, 2009). Assim, este estudo espera contribuir para a compreensão das dimensões ainda invisíveis do fenômeno da violência sexual entre escolares por meio da análise dos dados da pesquisa PeNSE de 2015.

1.12. A Educação Sexual no Contexto Familiar

A família como valor e refúgio, local de referência, de ternura, de afeição gratuita, de compreensão e interajuda.

Para Valadier (1998, p. 45) a família é “um valor em si mesma e o último refúgio dos valores tradicionais”. Esta é vista como útero social na medida em que alimenta, protege e socializa a pessoa humana.

Embora, segundo Lousada (2004, p. 40), continue a ser porto de abrigo, face às diversas alterações quer na sua própria constituição e função quer sociais, ela não tem sido capaz de dar resposta desempenhando a escola um lugar privilegiado para a formação cívica e moral.

Compreende-se que a família tem um grande papel no desenvolvimento e configuração moral do indivíduo é crucial apesar das constantes mudanças que ao longo dos anos se têm vindo a verificar, sobretudo, no papel que cada membro possui na teia familiar. Apesar de não ser o único agente educativo é, sem dúvida, o mais influente na aprendizagem de valores, bem como de padrões de conduta e, como tal, tem um papel fundamental na educação moral dos filhos.

Embora todos sejam agentes de educação sexual e moral, a família e professores têm um lugar de destaque.

Segundo Ortega (1994, p. 131) os pais têm o dever de “dar e dirigir a educação da sexualidade de seus filhos, o que não pode e não deve ser usurpado por qualquer pessoa... os pais terão de determinar seriamente exercitar a educação de maneira clara, delicada, oportuna, verdadeira e respeitosa”.

Para Nunes (2004, p. 2), no plano da educação para os valores, a “família nuclear foi, e sempre será, o garantir de que o melhor interesse dos jovens é genericamente garantido”.

O papel da família e da escola na implementação da educação sexual é tida com igual grau de importância, em especial pelos professores do sexo feminino, tendo os professores mais jovens e licenciados evidenciado uma postura mais negativa quanto esta função se restringir somente ao seio familiar e a escola possuir somente um papel complementar no que toca à implementação da educação sexual.

Cavidad e Sánchez (2005, p. 87) afirmam que “apesar das dificuldades de diálogo entre progenitores e filhos, vários estudos apontam para que a mãe desempenhe um papel mais relevante na informação sexual dos filhos comparativamente ao papel do pai”.

Infelizmente, muitos pais têm dificuldade e timidez em abordar estes temas com os seus filhos e, como tal, delegam esta função para a escola. Cada agente educativo (pais, educadores, media, etc.) deverá conhecer as suas funções, defendê-las e levar a cabo a especificidade dessas mesmas funções.

A escola pode e deve complementar o papel desempenhado pela família ou até mesmo corrigir atitudes resultantes de uma deficiente formação (Corbella, 2003).

Tal como a escola, a família é um importante agente de sociabilização para a criança. Os pais, familiares e amigos são modelos a seguir pela criança e vitais para a sua conduta. A escola e a família não devem “competir” entre si nem actuar em sentidos diferentes, devem sim, trabalhar em conjunto, trocar informações e tentar promover o desenvolvimento global e harmonioso da criança.

Nas linhas orientadoras para a educação sexual em meio escolar, reforçam a importância da parceria escola-família: é inquestionável a importância da família na educação sexual das crianças e dos jovens: a vivência da sexualidade é um dos elementos do processo de desenvolvimento global da pessoa, no qual a família, como se sabe, é o primeiro e um dos principais agentes.

Paralelamente, como mecanismo de influência da família nas crianças e jovens, a aprendizagem pela observação de comportamentos e pela integração de modelos e incorporam tanto o fazer, como o pensar e o julgar vem reforçar a inevitabilidade da participação da família na educação sexual das crianças e jovens.

No seio da família são múltiplas as expressões da linguagem afetivo-sexual, desde o modo como cada elemento da família exerce o seu papel socio-sexual, a organização da família, a proximidade física ou a distância entre os seus membros, as reacções verbais ou não verbais, os comentários sobre os comportamentos de outras pessoas, os silêncios em torno da temática, entre outros. O ingresso na escola vem abalar um pouco as aprendizagens realizadas pela criança no contexto familiar.

Na escola, a criança vai ter novas vivências, vai apreender novas mensagens e conteúdos e inserir-se em diferentes grupos sociais.

Não se espera que um contexto substitua o outro, mas sim que o complementa.

Segundo Pires (2009, p.67), dada a diversidade de representações possíveis de se encontrar entre o grupo de pais de alunos de uma escola e tendo em conta que provêm de diferentes meios socioeconómicos e tiveram diferentes experiências em relação à sua educação sexual, é muitas vezes difícil encontrar uma “ponte estável” entre pais e escola.

É por isso fundamental que a escola esclareça os pais quanto à sua acção intencional em educação sexual, quais as finalidades, quais os conteúdos e quais as atividades a desenvolver. Se os pais estiverem esclarecidos e informados, serão pais mais participativos e estarão mais perto da escola e das suas finalidades.

1.13. O Papel do Professor na Educação Sexual dos Alunos

Para uma abordagem mais consistente da educação sexual em meio escolar “os professores devem receber formação e treino, assim como terem abertura para o tema e elevada motivação para o seu ensino” (Who, 2010, p. 43).

Para desenvolver acções de educação sexual, é desejável que o professor se preocupe genuinamente com o bem-estar físico e psicológico dos jovens, que aceite e respeite a sua sexualidade e a dos outros, que procure o envolvimento dos pais, encarregados de educação e outros profissionais quando reconheça que há situações em que não domina a informação que necessita transmitir.

O professor deve ser tão neutro quanto possível, não passando as suas convicções, opiniões ou juízos de valor; deve demonstrar disponibilidade e confiança, utilizar vocabulário adequado tanto a um nível técnico como pedagógico, informar-se de forma a passar informações científicas actuais e correctas e ser cuidadoso na transmissão de informação, tendo em conta a faixa etária e o nível de desenvolvimento dos alunos e os seus interesses (Sanders e Swiden, 1995).

Delors, et. al (1996, p. 47) propõem uma educação direccionada para os quatro tipos fundamentais de aprendizagem que são os pilares do conhecimento “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser”. Estes autores entendem a educação como um todo e defendem que esta concepção deve inspirar e orientar as reformas educativas, tanto ao nível da elaboração de currículos como da definição de novas políticas pedagógicas.

Como foi abordado anterior, a escola desempenha uma função social determinante para o desenvolvimento humano, psicossocial e afectivo de todos os alunos. Com efeito, é no espaço escolar que os alunos interagem com os seus pares estabelecendo relações de amizade ou de carácter amoroso. É na escola que os alunos aprendem a conhecer, aprendem a fazer, aprendem a viver com os outros e aprendem a ser.

Figueiró (2006, p. 143) faz uma reflexão sobre abordagem do professor relativamente ao assunto sexualidade na sala de aula qual seria o papel do professor que se dispõe a falar sobre sexualidade no espaço da escola.

Alguns pais preocupam-se, justamente, por temer que os professores passem, para seus filhos, os valores que eles, professores, defendem. Assim, por exemplo, pais conservadores, que defendem a virgindade até o casamento (para as filhas, na maioria das vezes) temem que professores possam pregar valores divergentes, incentivando, no caso, o sexo antes do casamento.

O contrário também pode acontecer, ou seja, pais que pretendem que seus filhos sejam livres para decidir, com responsabilidade, sobre sua vida sexual, temem que professores conservadores venham-lhes incutir ideias de pecado. Teriam direito, os professores, de influenciar seus alunos com seus valores pessoais sobre o que consideram certo ou errado.

Ainda Figueiró afirma que certamente cabe aos professores criar várias oportunidades e reflexão, para que os alunos pensem e discutam com os colegas, a fim de que formem sua própria opinião sobre sexo pré-matrimonial, masturbação, homossexualidade e aborto, entre outros. Cabe também ao professor, fazer com que os alunos tenham acesso a informações claras, objectivas e científicas sobre a sexualidade.

Os estudos de Fisher (1988, p.38) demonstraram que as atitudes dos professores podem ser positivas negativas relativamente à sexualidade. Assim, quanto mais positiva é a atitude dos professores em relação à sexualidade, mais importância será atribuída ao tema e mais empenho e motivação será atribuída tanto no seu ensino como na busca de mais conhecimento sobre matérias sexuais.

Como referido por Vilar (2008,p. 47) também a percepção que o professor tem das atitudes e importância que os alunos, pais e comunidade em geral atribuem à educação sexual, ou seja, o apoio percebido da comunidade, vai influenciar a sua postura em relação à educação sexual. Por isso, é importante que a comunidade, os alunos e os pais estejam sensibilizados para a importância da educação sexual nas escolas e sejam cooperantes com o trabalho do professor, pois quando esse apoio é percebido pelo professor, o seu empenho e motivação para leccionar educação sexual é maior.

Outra variável já referida anteriormente e que pode contribuir para um melhor ensino da Educação Sexual é a formação do professor, no entanto, no estudo de Reis e Vilar (2004) demonstra que o treino apenas se relaciona com o conhecimento dos professores e não com o conforto ou com as atitudes face à educação sexual em meio escolar.

Assim, o conhecimento é uma variável com grande influência na forma como os professores se preparam para leccionar a educação sexual, pois embora, como referido por Ramiro, Matos e Vilar (2008, p. 34), “seja de menor importância que as atitudes são um pré-requisito para uma educação sexual de sucesso”. O conhecimento está dependente não só da formação inicial ou académica na área ou de formação complementar, mas também da formação pessoal do professor, adquirida através das suas vivências.

Entretanto, o conforto em ensinar temas relacionados com a educação sexual é também uma variável que pode afectar a forma como o professor faz chegar a informação ao aluno.

Reis e Vilar (2004) encontraram uma relação positiva entre o conforto e as atitudes, ou seja, como afirma Lemos (2002, p. 273) “aconselha-se que a educação sexual seja leccionada por aqueles docentes que efectivamente se sintam bem com ela”. E, por isso, os temas sentidos como mais desconfortáveis para o professor serão os temas menos abordados e poderão influenciar a forma como são transmitidos.

1.14. A escola como um espaço de intervenção e construção de novas identidades e relações baseadas no respeito.

A escola é responsável pela formação ética e moral do aluno, e para isso a moral (regras que permitem que os indivíduos tenham um bom convívio em sociedade) e a ética (que conduz as escolhas, as ações e a subjetividade do homem, que por sua vez escolhe seguir ou não as normas e costumes impostos pela sociedade), precisam ser partes integrantes do PPP (projeto político pedagógico), bem como, nortear os planos e ações seja na dimensão teórica ou prática da mesma.

É na escola que o homem é preparado para a vida em sociedade e para pôr seus ideais de vida em ação, por isso é importante que a ela busque engajar em seus planos e currículo, assuntos sociais e não somente didáticos; abordar os

problemas existentes na sociedade por meio de uma educação transversal e multidisciplinar que permita aos alunos aprenderem os conteúdos, mas também aprenderem sobre tolerância, respeito, empatia e coletividade. A respeito do papel da educação para a formação cidadã do indivíduo, Libâneo afirma:

[...] educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social [...] É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de “ser humano”. [...] (Libâneo, 1998, p. 22).

Para Libâneo (1998, p.39), a escola, além de alfabetizar o homem, também o conscientiza e o incentiva a ser crítico e autônomo em suas atitudes, ou seja, torna-o sensível para que tenha consciência ao se comportar e agir para com seus semelhantes. Tão importante quanto erradicar o analfabetismo, é desenraizar os hábitos imorais, antiéticos e preconceituosos impregnados no homem, ou seja, os problemas morais e éticos que abalam a sociedade e oprimem os grupos vistos como “mais fracos” (as mulheres). Assim, “A autonomia se refere à criação de novas relações sociais que se opõem às relações autoritárias existentes” (Freire, 1994, p. 47).

O machismo, a desigualdade de gênero, a violência e consequentemente o assédio sexual, firmados na supremacia exercida pelo masculino sobre o feminino são algumas das deficiências morais mais vigentes e menos tratadas dentro dos colégios, exatamente por oprimirem e intimidarem a mulher. De tal modo, sabendo-se que a educação é responsável pela humanização do homem, surge a seguinte indagação: Se a escola é um espaço de formação cidadã que tem como lema o respeito, a dignidade e a igualdade, por que ainda acontece tais atos e as mulheres ainda são tão constrangidas dentro desta?

O problema e a brecha para que isso ocorra, está na omissão por parte da escola, na falta de punição e atenção ao aluno assediador, na falta de trabalhos que despertem a reflexão e a criticidade dos mesmos e no despreparo dos professores para lidarem com tais problemas. Muitos educadores ainda são alheios a muitos atos de violência dentro da escola, por não saberem como agir ao se depararem com tais situações ou mesmo por medo da repressão por parte dos alunos.

[...] o professor sente-se inseguro para exercer a tarefa formadora porque lhe “falta formação, teme a opinião dos familiares dos alunos e fica pouco à vontade” de tratar determinados assuntos, particularmente àqueles relacionados à sexualidade. Considera-se “não capacitado para lidar com preconceito e discriminação” nessa área, para evitar “agressão de todos os tipos e desenvolver atividades de conscientização” inclusive porque precisaria ter a possibilidade “de medir o limite do preconceito existente nele” próprio.

Somente, assim, seria capaz, por exemplo, de apresentar de forma objetiva “os avanços obtidos por parte de alguns grupos como negros, homossexuais, mulheres”, bem assim, defender de modo fundamentado a laicidade da escola e denunciar o machismo ali existente. (Quadros, 2009)

Partindo da reflexão sobre as afirmações dos autores citados acima, nota-se que os docentes precisam estar preparados para lidarem como as situações que para muitos deles, é vista como embaraçosa, já que nem sempre as famílias concordam que discussões a respeito de assuntos tidos como tabus, sejam feitas com seus filhos e parentes.

Neste caso, para a escola, também é necessário engajar as famílias nas discussões, buscando abrir o entendimento e as mentes das famílias para entrarem na luta juntamente com os professores, buscando também, educar sexualmente o aluno.

Portanto é papel da escola falar sobre sexualidade, respeito a mulher, violência sexual, machismo, desigualdade de gênero, entre outros assuntos, para fazer provocar o senso crítico e emocional dos alunos e alunas, afim os mesmos reflitam sobre seus sentimentos e convicções construídos cultural e socialmente diante de conflitos interpessoais.

É dever da escola em conjunto com a família, desconstruir preconceitos de gênero e construir novas relações entre homens e mulheres baseados na igualdade e no respeito. “Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo” (Freire, 1980, 26).

A escola deve desenvolver por meio do seu projeto político pedagógico (PPP) e do seu currículo, temas (que trabalhem a educação sexual, a ética, a igualdade, o respeito e etc.) e meios que possibilitem uma educação reflexiva, coerente com a

moral e os valores que os alunos deverão desenvolver, pois ela é um espaço para construções e não meramente para cumprimento de obrigações. Por isso, Scopel e Gomes, (2006, p. 11) dizem:

A formação de valores na escola proporciona aos alunos o respeito mútuo às diferenças, à solidariedade e à tolerância com os colegas e demais pessoas de seu convívio, levando-os a trabalhar em equipe e se socializar, aprendendo a ganhar e a perder. O resultado da educação de valores na escola ajuda os alunos a se desenvolverem como pessoas humanas, proporcionando o desenvolvimento harmonioso de todas as qualidades do ser humano.

Com a incidência dos casos de desrespeito e assédio contra as meninas dentro dos colégios, algumas alunas, para se defenderem partem para a violência, ou mesmo para tentarem desviar a atenção de si próprias, passam a ter as mesmas atitudes que os meninos têm para com elas, ou seja, em seu pensamento existe a ideia de que ao apontar, evidenciar e violentar o outro, ela estará com seus problemas “invisíveis”, tal atitude se trata de uma maneira de se defender ou se esconder do assédio e da discriminação dentro da escola. Já que:

[...] o indivíduo estigmatizado pode aproximar-se de contatos mistos variando entre o retraimento e a agressividade tornando assim a convivência com outras pessoas muito violenta, além de provocar uma série de respostas desagradáveis. (Goffman, 1988).

Com isto, muitas vezes apenas as ações de defesas por parte das meninas são enxergadas pela escola, ao reagirem com violência a um toque nas partes íntimas, a um comentário obsceno, a um beijo forçado ou até mesmo a um abraço pelo uso da força, são chamadas a atenção ou até mesmo punidas, e assim permanece invisível o problema mais sério, o assédio sexual, e quem realmente precisa de advertência e acompanhamento, o aluno autor da violência.

Atualmente muitas campanhas por meio da mídia e dos movimentos sociais a favor da mulher, enfatizam a importância de ensinar os meninos desde o início da vida a respeitar as meninas, pois ao invés de ensinarem as meninas a não serem violentadas, as famílias têm que ensinar os meninos a não violentarem e a respeitarem as mesmas. O objetivo dessas campanhas é formar homens livres do machismo, cientes dos direitos das mulheres, com a consciência do dever de respeitar às opiniões e às vontades das mesmas.

Por parte da escola, existe a obrigação de observar e entender a necessidade que a mulher possui de proteção, cuidados e de respeito garantindo assim, o seu pleno desenvolvimento e autonomia. Também é importante tratar o adolescente assediador, já que, os alunos que estão na fase da puberdade, além de estarem descobrindo sua sexualidade, ainda carregam enraizados em si mesmos estereótipos e influências culturais, sociais e familiares.

Desde cedo são educados, inclusive pelas mulheres, para se tornarem agressivos, competitivos, provedores e intolerantes com a manifestação de sentimentos e emoções. Há certo temor de serem rotulados como “fracos”, caso manifestem algum comportamento que lembre o campo emotivo feminino. (Santos E Costa, 2009, p. 02).

É obrigação também da comunidade escolar, buscar subsídios para descobrir as origens desse aluno, e meios para intervir nesse processo e nos atos machistas e muitas vezes criminosos, que podem ter origem dentro de seu próprio lar, pois muitas vezes as atitudes de um adolescente sejam elas boas ou más, são reflexo do que ele presencia em sua família, ou mesmo dos incentivos machistas que recebe, visto que, apesar da escola ter uma função primordial na formação do homem, é da família que ele recebe a primeira educação, os primeiros princípios e os valores (sejam eles bons ou ruins).

No que se refere a educação, para que a escola funcione realmente como um espaço consolidado de transformação e formação para a vida, a mesma precisa ter quatro finalidades indispensáveis pontuados por Libâneo.

CAPÍTULO II. METODOLOGIA DE PESQUISA

A Metodologia científica é um caminho que propõe alcançar um conhecimento, um fim. Consiste a um conjunto de regras para desenvolver experiências, mediando procedimentos e ferramentas para se chegar a tal finalidade (Andrade, 2003).

Para Fonseca, (2002, p.16) A metodologia é o estudo da organização dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa.

2.1. Tipo de pesquisa

Quanto à pesquisa, Marconi; Lakatos (2006, p.70) afirmam que é um procedimento formal que utiliza o método científico na construção de novos conhecimentos ou confirmando os que já existem. O trabalho centrou-se no tipo de pesquisa descritiva, este método está assente em estratégias de pesquisa para observar, descrever comportamentos incluindo a identificação de factores que possam estar relacionados com um fenómeno em particular.

2.2. Modelos de abordagem

E quanto ao tipo de abordagem, utilizamos a junção do qualitativo e quantitativo. Para a realização deste trabalho, efetuou-se de forma mista, tendo como objectivo proporcionar uma base contextual rica na interpretação e validação dos resultados. Kaplan e Duchon citado por Panzo, (2013, p.90).

Pesquisa quantitativa: considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números, opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão). De acordo com Lúcia e Muszkat, (2005, p. 20).

Pesquisa qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objectivo e a subjectividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.

A interpretação dos fenómenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas.

2.3. Níveis de estruturação de métodos

Estes métodos esclareceram sobre os procedimentos lógicos que foram seguidos no processo de investigação científica. Para este trabalho nos interessamos apenas falar dos seguintes métodos:

2.3.1. Nível estatístico/matemático

“Fundamentamos com a ajuda da utilização das teorias estatísticas das probabilidades”. “A manipulação estatística, permitiu comprovar as relações dos fenómenos entre si e obter generalizações sobre sua natureza ocorrência ou significado, sobre o desenvolvimento do tema”. É um método que estuda a colecta, a organização, a análise e o registo de dados por amostras. De acordo com Marconi e Lakatos, (2009, p.16).

2.3.2. Nível empírico

Questionário: “O questionário também foi um instrumento de colecta de dados, constituído por uma lista de questões relacionadas com o problema de pesquisa, o mesmo foi aplicado a um número determinado de inquiridos”.

Observação: é um dos mais utilizados nas ciências sociais e apresenta alguns aspectos interessantes. “Por um lado, pode ser considerado como o mais primitivo e, conseqüentemente, o mais impreciso. Mas, por outro lado, pode ser tido como um dos mais modernos visto ser o que possibilitou o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais.”

2.3.3. Nível teórico

Indutivo: Este método traduz o processo mental por intermédio do qual, partiu-se de dados particulares suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Este método permitiu seleccionar os alunos, professores, direcção da escola e encarregados de educação para a pesquisa que apresentamos.

Dedutivo: que possibilita alcançar conclusões fundamentadas em leis gerais, explicitadas por meio de evidências. Se todas as premissas são verdadeiras, as conclusões devem ser verdadeiras. Este método permitiu obter resultados verdadeiros de acordo as suposições traçadas na pesquisa.

Hipotético-dedutivo: consiste na formulação de hipóteses que foram testadas para serem aceites ou refutadas.

Para Gil, (2010, p.90) as hipóteses são suposições, possíveis respostas que merecem ser comprovadas. O mesmo facilitou na planificação e implementação das actividades, pois que, consistiu na busca das reais informações sobre, a importância da relação Comunidade – Escola no processo de ensino-aprendizagem.

2.4. Técnicas de recolha dos dados

As técnicas de pesquisas são procedimentos que foram empregados na coleta de dados. As técnicas são consideradas como um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência, são também, a habilidade para usar esses preceitos ou normas, na obtenção dos seus propósitos.

E para fornecer grande sustentabilidade a recolha das informações ou dos dados, os mesmos foram sistematizados da seguinte maneira:

Observação: como sendo a última técnica, a inspecção e o estudo realizado pelo investigador, mediante o emprego de seus próprios sentidos, especialmente da vista, com ou sem ajuda de aparelhos técnicos, das coisas e factos de interesse social, tal como são ou têm lugar, espontaneamente no tempo em que ocorrem e com arranjo às exigências da investigação científica.

2.5. Instrumentos e procedimentos

Segundo Marconi; Lakatos (2006) instrumentos de coleta de dados são essências para levantarem dados e informações para melhor entendimento e esclarecimento do tema estudado.

Gil (2007, p.68) menciona que o questionário é um instrumento de coleta de dados cuja finalidade principal é traduzir os objetivos específicos da pesquisa através de perguntas bem elaboradas.

Será utilizado os seguintes instrumentos: Grelha de observação de aulas, questionário para professore e diretores.

Os dados coletados pelos instrumentos serão processados, através do Excel para gerar quadro e gráficos que serão analisados.

2.6. População e Amostra

De acordo com Martins & Cerveira, (1999, p.13) A população é uma coleção de unidades individuais, que podem ser pessoas, animais, resultados experimentais, com uma ou mais características comuns, que se pretendem analisar.

A nossa população ou universo será de 40 indivíduos, Professores e inspetores escolares. Desta, a amostra aleatória simples será de 30 indivíduos da classe docente e inspetores escolares, que faz o total de 75% da população.

CAPÍTULO III. APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos com a realização desta pesquisa, cujo o objectivo foi verificar a opinião pública, por intermédio dos entrevistados relativamente o tema as consequências de assédio sexual no processo de ensino aprendizagem entre alunos da 10ª e 12ª classe caso liceu municipal do nzeto / zaire no ano lectivo 2022/2023.

3.1. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Liceu do Nzeto, localizado no bairro Kitana: teve o seu início em 2000, com salas anexa de Instituto médio normal de educação posteriormente passou a centro Pré-Universitário.

Foi criada como Ensino médio pelo decreto presidencial nº X/X de 17 setembro de 2016. Desde a sua criação como escola do IIº Ciclo, teve como Director Makaya Malumbo; Sub Director Pedagógico Mankenda Nimi e Sub Director Administrativo Eduardo António Garcia.

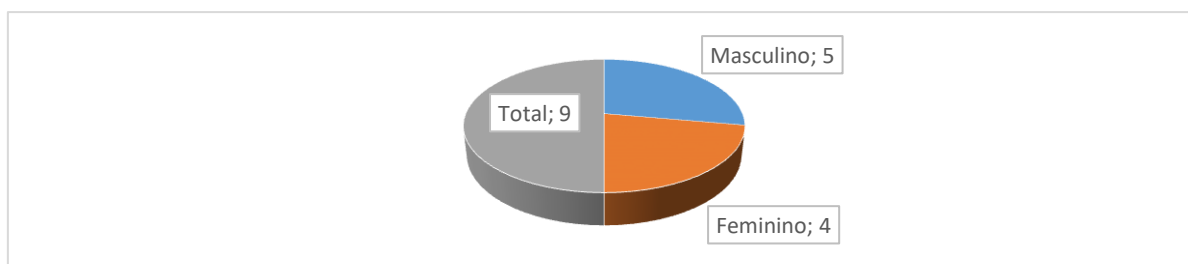
Hoje a escola ganhou uma estrutura definitiva e saiu de Puniv para Liceu sob o decreto nº 16/ isto é em 2018 com o mesmo Director até o ano de 2020 e possui 105 professores efectivos, composta por 24 salas repartidas por 3 laboratórios de Química, físicas e Biológicas, uma sala de Professores adaptada, 3 banheiros, uma área administrativa com todos os serviços e a mesma está constituída com a seguinte Direcção: Director Geral Daniel Margarida Tiago; subdiretor André Matumona;

Portanto, participaram desta pesquisa 37 alunos e 09 professores perfazendo um N de 46 inquerido através do questionário com perguntas fechadas.

3.2. Inquérito aplicado aos Professores

Tabela e gráfico nº1 Dados demográficos Sexo

Designação	Frequência	%
Masculino	5	56
Feminino	4	44
Total	9	100

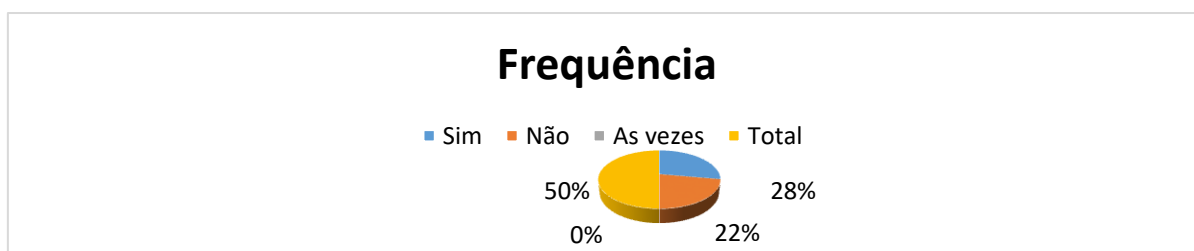


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº1 Dados demográficos Sexo dos (9) nove docentes inquiridos pode se constatar que 5 inquiridos que correspondem à 56% são masculinos e 4 inquiridos que faz 44% são femininos, perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº2 presenciou ou teve conhecimento de caso de assedio sexual ocorrido em sua instituição?

Designação	Frequência	%
Sim	5	56
Não	4	44
As vezes	0	00
Total	9	100



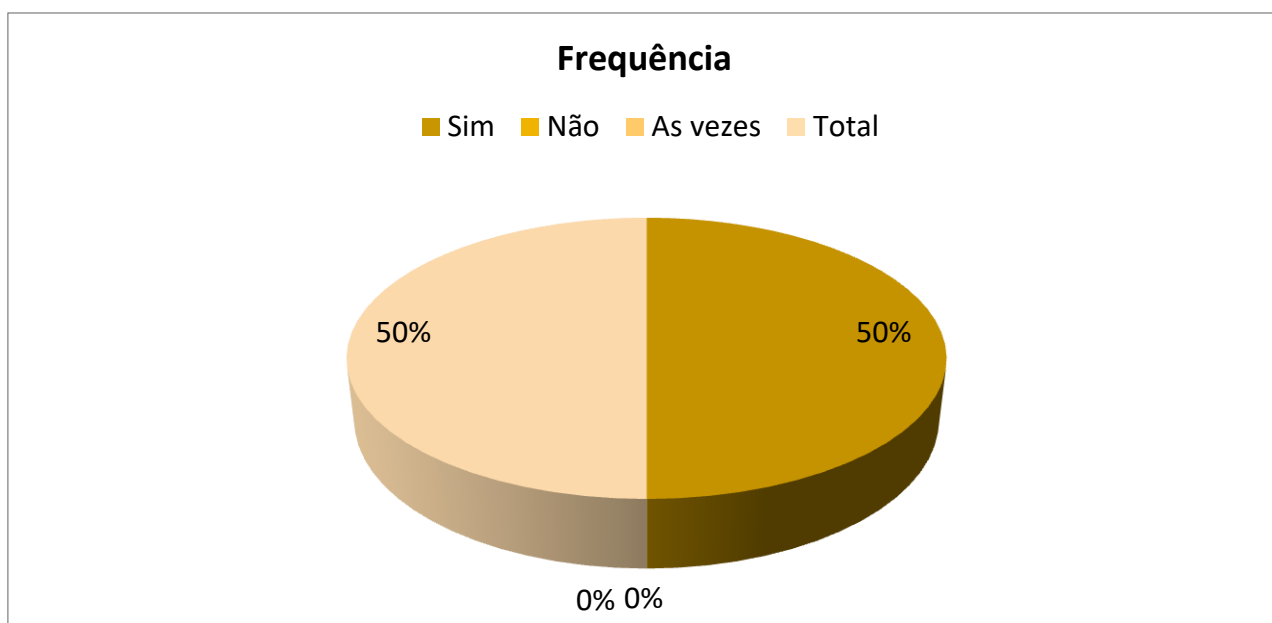
Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº2 presenciou ou teve conhecimento de caso de assedio sexual ocorrido em sua instituição, dos (9) nove docentes inquiridos podem se constatar que 5 inquiridos que correspondem à 56% responderam sim, teve conhecimento de

caso de assédio sexual ocorrido em sua instituição e 4 inquiridos que correspondem à 44 % responderam que não tiveram conhecimento de caso de assédio sexual ocorrido em sua instituição perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº3 acredita que o assédio sexual pode influenciar negativamente o desempenho acadêmico dos alunos?

Designação		Frequência	%
Sim		9	100
Não		00	00
As vezes		00	00
Total	9	100	

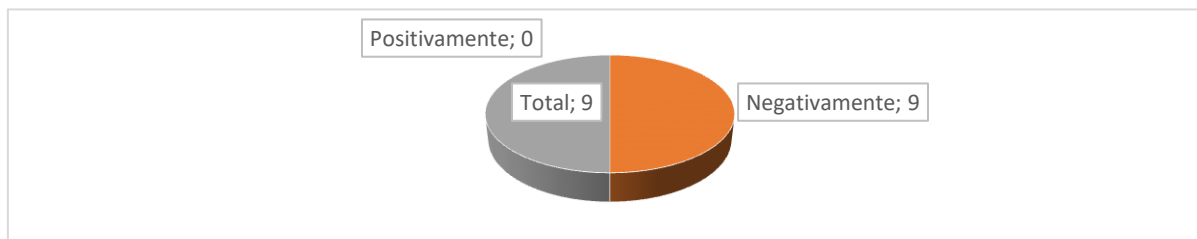


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº3 acredita que o assédio sexual pode influenciar negativamente o desempenho acadêmico dos alunos, dos (9) nove docente inquirido pode se constatar que (9) nove que correspondem à 100%, responderam sim, acreditam que o assédio sexual pode influenciar negativamente o desempenho acadêmico dos alunos e perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº4 como o assédio sexual pode impactar a relação de confiança entre professores e alunos?

Designação	Frequência	%
Positivamente	00	00
Negativamente	9	100
Total	9	100

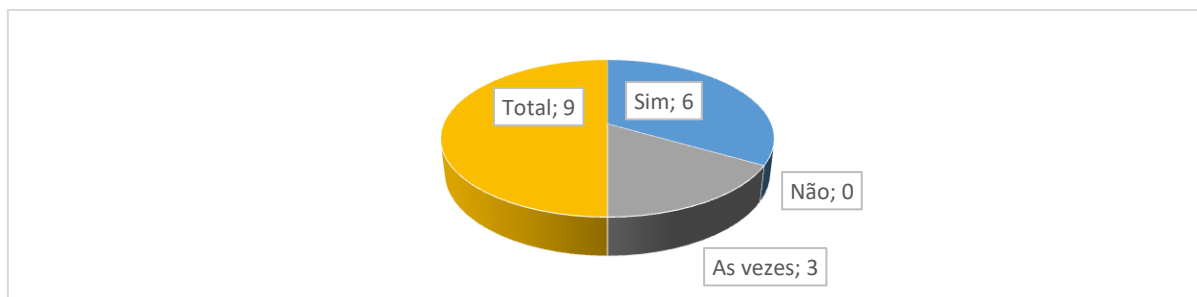


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº4 como o assédio sexual pode impactar a relação de confiança entre professores e alunos, dos (9) nove docentes inquiridos pode-se constatar que (9) que correspondem à 100% responderam que o assédio sexual pode impactar negativamente a relação de confiança entre professores e alunos. E perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº5 o assédio sexual nas escolas, pode ter como consequência o abuso sexual, sofrem consequências a nível psicológico, emocional e académico.

Designação	Frequência	%
Sim	6	67
Não	0	00
As vezes	3	33
Total	9	100

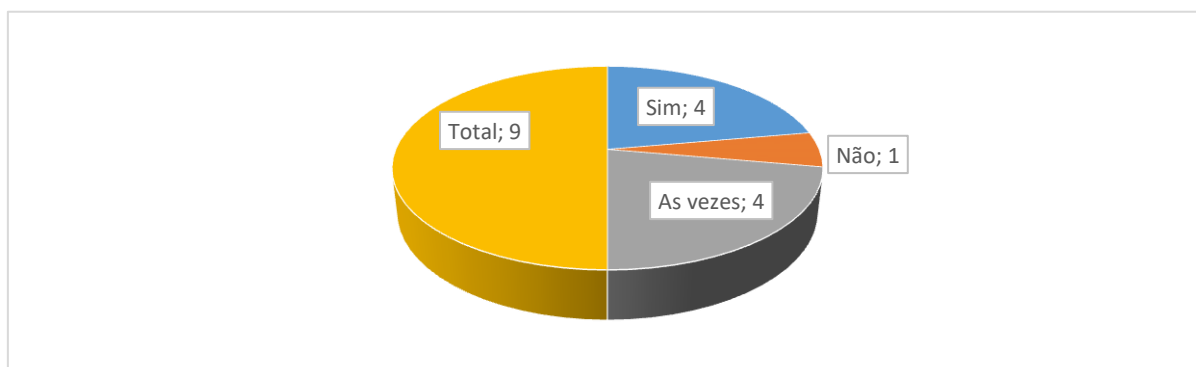


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº5 o assédio sexual nas escolas, pode ter como consequência ao nível psicológico, emocional e académico. dos (9) nove docente inquirido pode se constatar que 6 inquiridos que correspondem à 67% responderam sim, o assédio sexual nas escolas, pode ter como consequência o abuso sexual, sofrem consequências a nível psicológico, emocional e académico e, 3 inquiridos que correspondem à 33% dizem que as vezes, perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº6 A criança vítima de assédio sexual pode apresentar várias consequências e sintomas como episódio traumático.

Designação	Frequência	%
Sim	4	44,4
Não	1	11,1
As vezes	4	44,4
Total	9	100

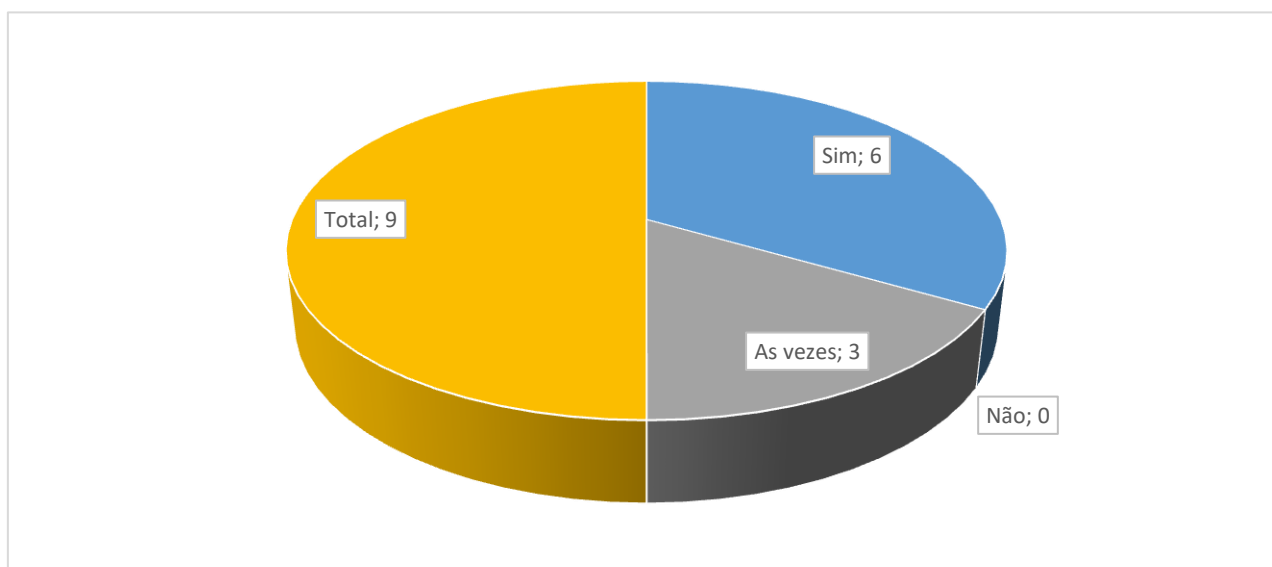


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº6 A criança vítima de assédio sexual pode apresentar várias consequências e sintomas como episódio traumático, dos (9) nove docente inquirido pode se constatar que 4 inquiridos que correspondem à 44,4% responderam sim, a criança vítima de assédio sexual pode apresentar várias consequências e sintomas como episódio traumático e, 4 inquiridos que correspondem à 44,4 % dizem que não. Um 11,1% inquirido diz que as vezes. perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº7 ao nível emocional, a criança vítima do assédio sexual, pode demonstrar raiva, sentimento de culpa, ansiedade ou medo constante, tristeza profunda, vergonha.

Designação	Frequência	%
Sim	6	67
Não	0	00
As vezes	3	33
Total	9	100

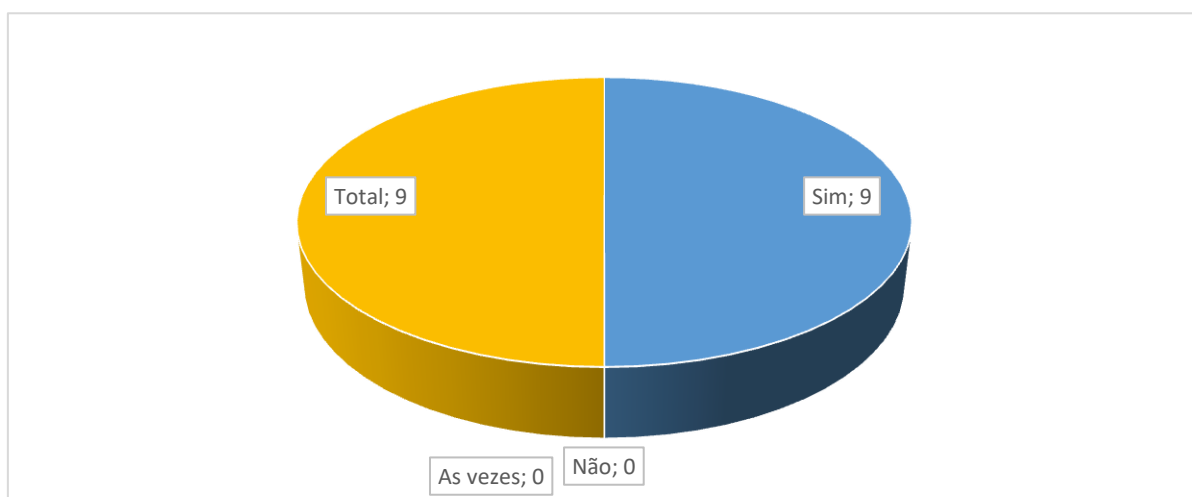


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº7 ao nível emocional, a criança vítima do assédio sexual, pode demonstrar raiva, sentimento de culpa, ansiedade ou medo constante, tristeza profunda, vergonha, dos (9) nove docente inquirido pode se constatar que 6 inquiridos que correspondem à 67% responderam sim, ao nível emocional, a criança vítima do assédio sexual, pode demonstrar raiva, sentimento de culpa, ansiedade ou medo constante, tristeza profunda, vergonha e, 3 inquiridos que correspondem à 33% dizem as vezes, perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº8 A vítima, pois é visíveis a falta de concentração e a dificuldade de aprendizagem em consequência, estas não terão um bom rendimento acadêmico.

Designação	Frequência	%
Sim	9	100
Não	00	00
As vezes	00	00
Total	09	100



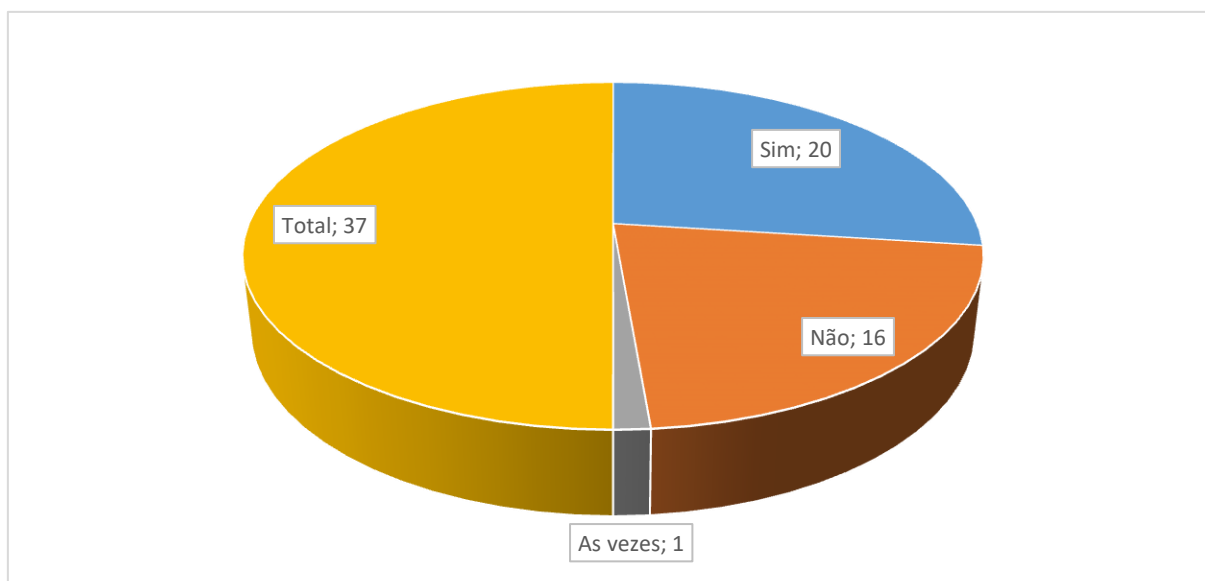
Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº8 A vítima, pois é visíveis a falta de concentração e a dificuldade de aprendizagem em consequência, estas não terão um bom rendimento acadêmico. dos (9) nove docente inquirido pode se constatar que 9 inquiridos que correspondem à 100% responderam 100% responderam que sim, a vítima, pois é visíveis a falta de concentração e a dificuldade de aprendizagem em consequência, estas não terão um bom rendimento acadêmico e perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

3.3. Inquérito com alunos

Tabela e gráfico nº 9 Já presenciou ou teve conhecimento de caso de assédio sexual ocorrido em sua instituição?

Designação	Frequência	%
Sim	20	54
Não	16	43
As vezes	1	3
Total	37	100

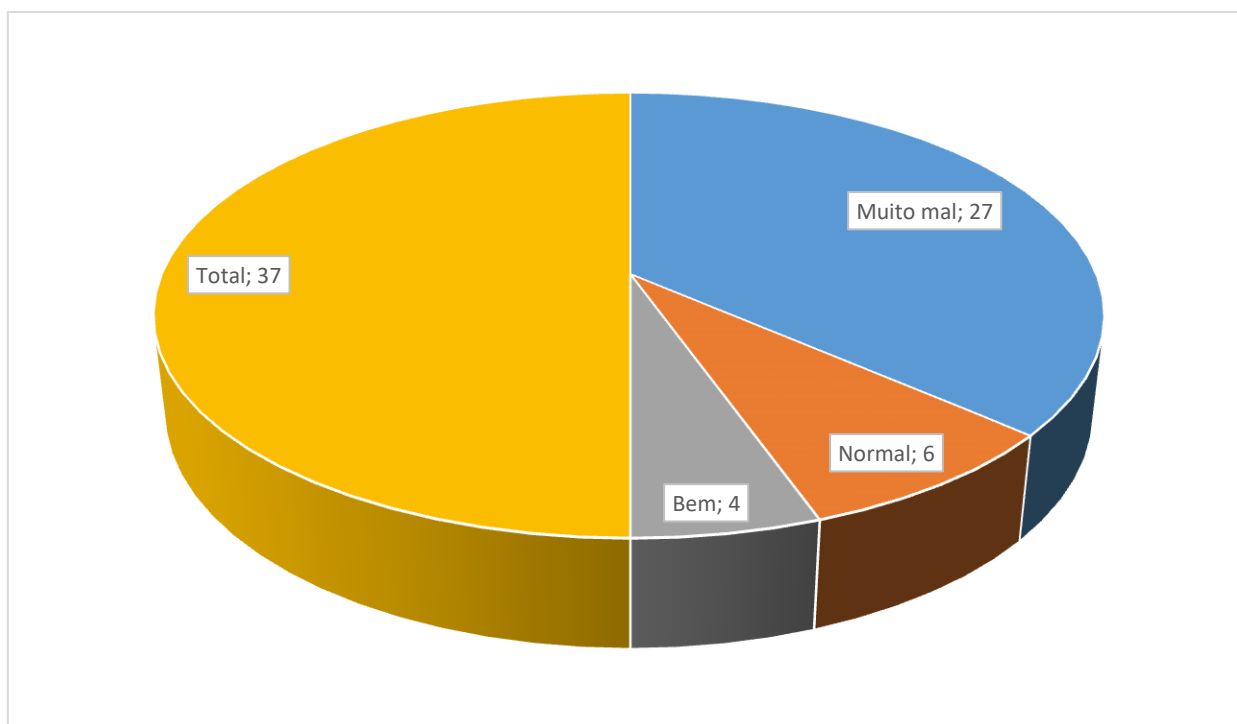


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº 9 Já presenciou ou teve conhecimento de caso de assédio sexual ocorrido em sua instituição, dos (37) trinta e sete aluno inquirido pode se constatar que 20 inquiridos que correspondem à 54% responderam sim, já tiveram conhecimento de caso de assédio sexual ocorrido em sua instituição, e 16 inquiridos que correspondem à 43% alegam que ainda não tiveram conhecimento de caso de assédio sexual ocorrido em sua instituição e, um inquirido que corresponde ao 3% diz que as vezes. perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº10 Como você sentiu –se em relação ao caso verificado do assedio sexual?

Designação	Frequência	%
Muito mal	27	73
Normal	06	16
Bem	04	11
Total	37	100

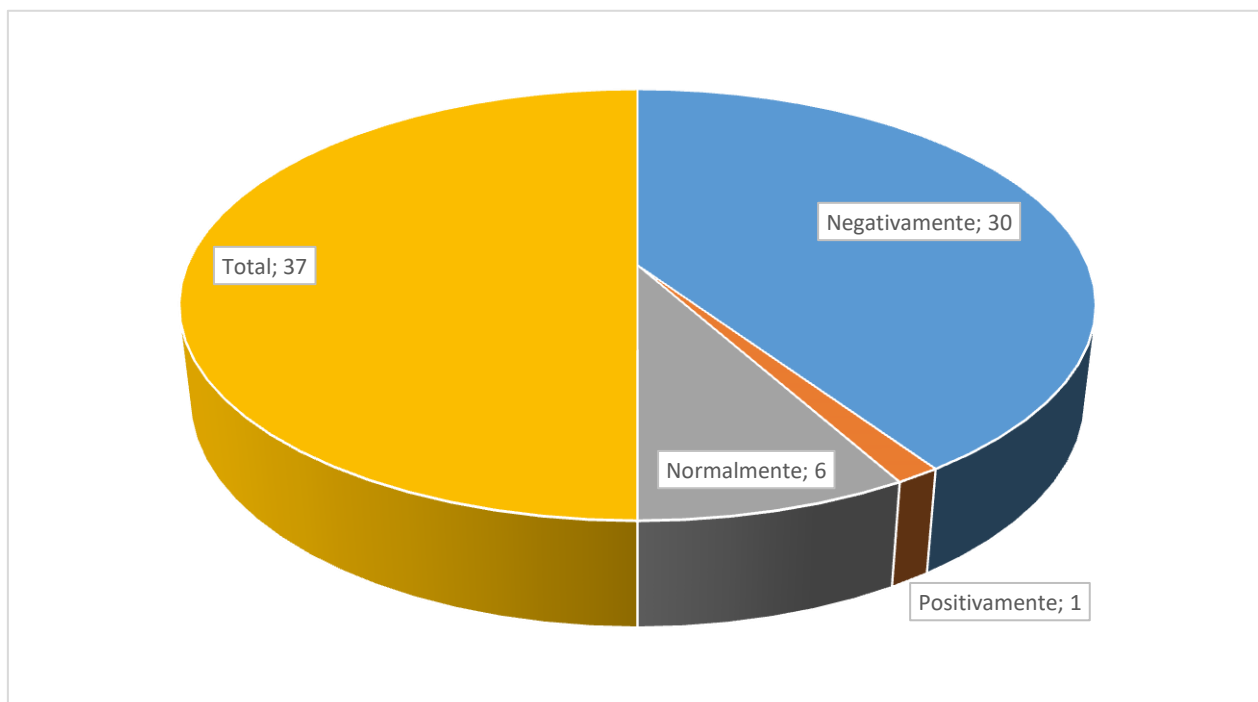


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº10 Como você sentiu –se em relação ao caso verificado do assedio sexual, dos (37) trinta e sete alunos inquiridos pode se constatar que 27 inquiridos que correspondem à 73% responderam sentiu –se muito mal em relação ao caso verificado do assedio sexual e 6 inquiridos que correspondem à 16% sentiram –se normal em relação ao caso verificado do assedio sexual e, 4 inquiridos sentiram –se bem em relação ao caso verificado do assedio sexual perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº 11. Como o assédio sexual afecta o ambiente escolar?

Designação	Frequência	%
Negativamente	30	81
Positivamente	1	3
Normalmente	6	16
Total	37	100

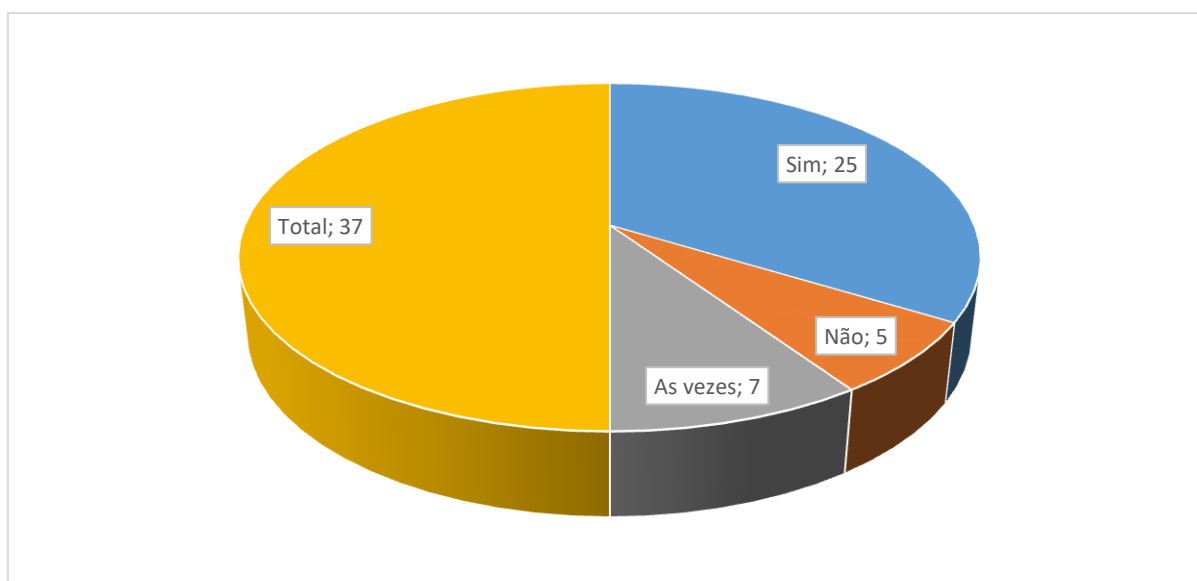


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº 11. Como o assédio sexual afecta o ambiente escolar, dos (37) trinta e sete aluno inquirido pode se constatar que 30 que correspondem à 81% responderam o assédio sexual afecta negativamente o ambiente escolar e, 6 inquiridos que correspondem à 16% responderam que, o assédio sexual afecta normalmente o ambiente escolar e um inquirido disse que afecta positivamente, perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº 12. Acredita que o assédio sexual pode impactar o desempenho acadêmico e o aprendizado do aluno?

Designação	Frequência	%
Sim	25	68
Não	5	14
As vezes	7	19
Total	37	100

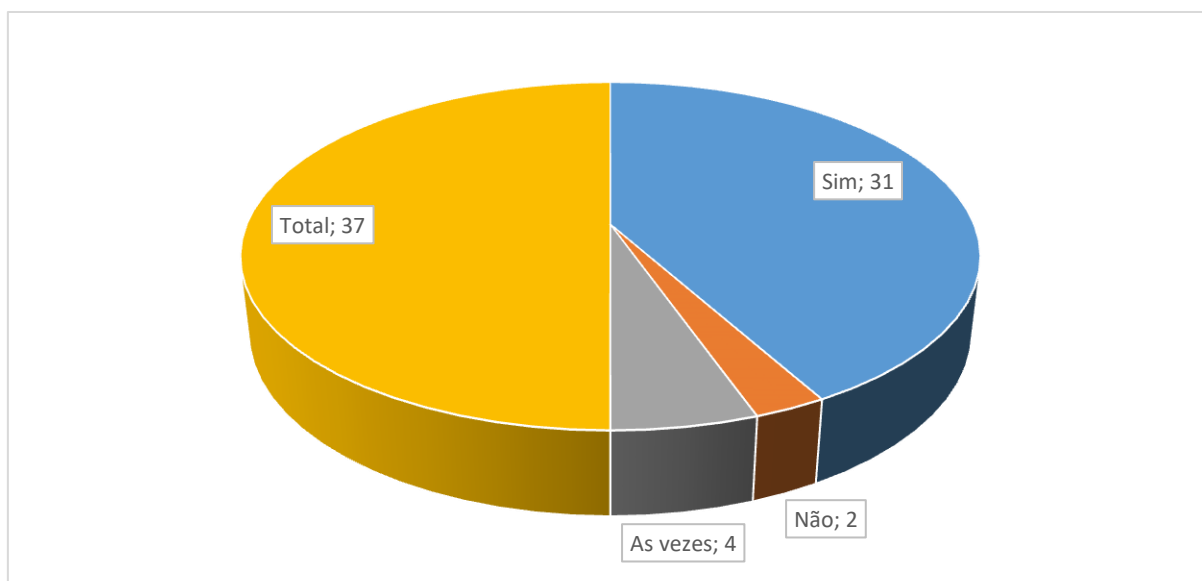


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº 12. Acredita que o assédio sexual pode impactar o desempenho acadêmico e o aprendizado do aluno, dos (37) trinta e sete alunos inquiridos pode se constatar que 25 que correspondem à 68% responderam 68% responderam que sim, acreditam que o assédio sexual pode impactar o desempenho acadêmico e o aprendizado do aluno e 7 inquiridos responderam que as vezes o assédio sexual pode impactar o desempenho acadêmico e o aprendizado do aluno perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº13. Na sua opinião, o assédio sexual tem consequências emocionais e psicológicas ao vitima?

Designação	Frequência	%
Sim	31	84
Não	2	5
As vezes	4	11
Total	37	100

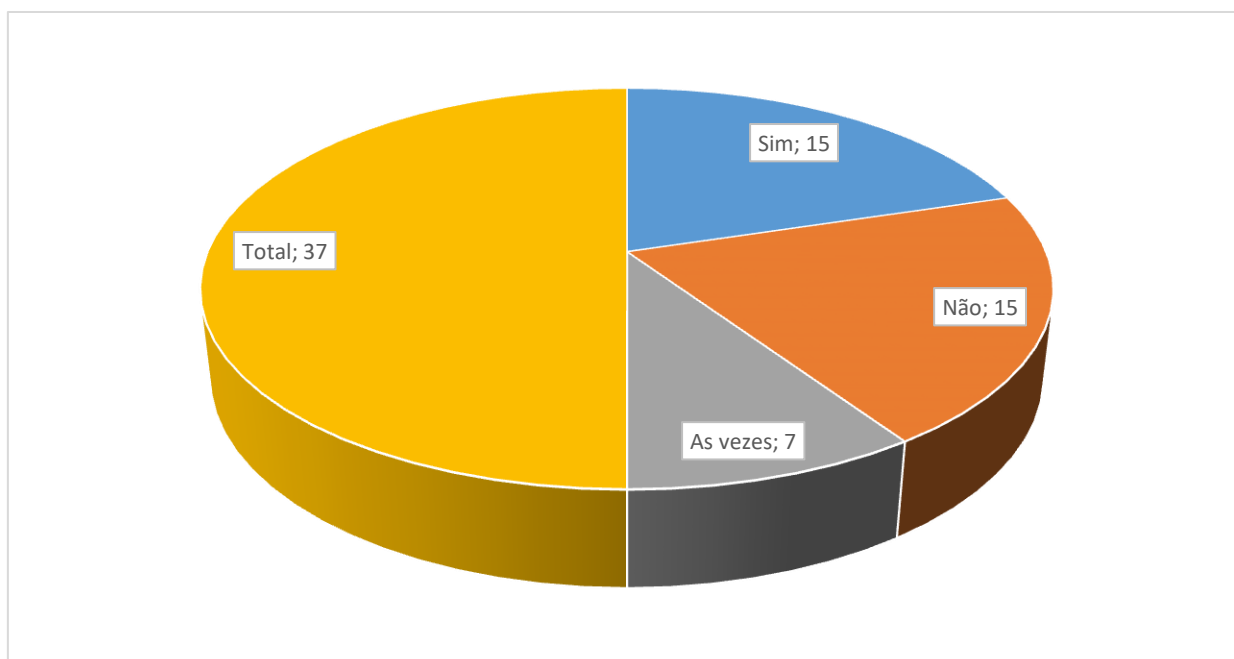


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº13. Na sua opinião, o assédio sexual tem consequências emocionais e psicológicas ao vitima? dos (37) trinta e sete alunos inquiridos pode se constatar que 31 que correspondem à 84% responderam sim, o assédio sexual tem consequências emocionais e psicológicas ao vitima e 4 inquiridos que correspondem à 11% alegam que sim, as vezes o assédio sexual tem consequências emocionais e psicológicas ao vitima e, 2 inquiridos dizem que o assédio sexual não tem consequências emocionais e psicológicas ao vitima perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº14. Você sente-se à vontade para denunciar um caso de assédio sexual que você testemunhasse ou que fosses vítima?

Designação	Frequência	%
Sim	15	41
Não	15	41
As vezes	7	18
Total	37	100

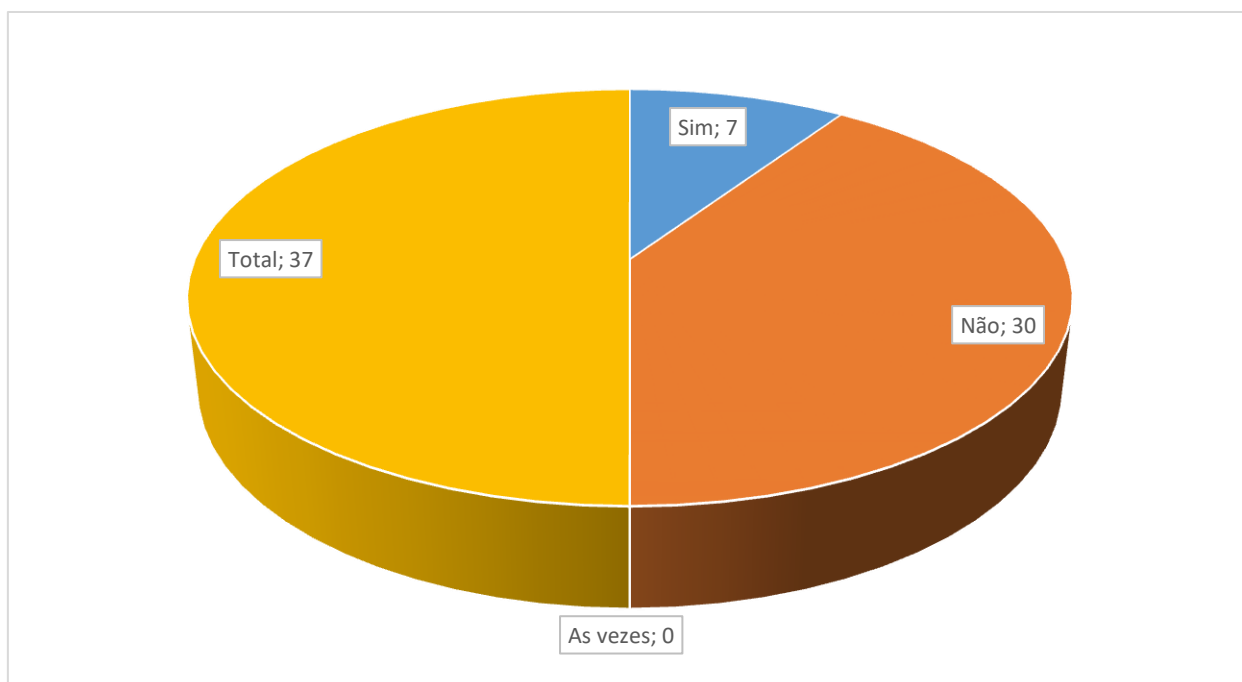


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº14. Você sente-se a vontade para denunciar um caso de assédio sexual que você testemunhasse ou que fosses vítima? dos (37) trinta e sete alunos inquiridos pode se constatar que 15 que correspondem à 41% responderam sim, sente-se a vontade para denunciar um caso de assédio sexual que você testemunhasse ou que fosses vítima e 15 também responderam que não sentem-se a vontade para denunciar um caso de assédio sexual que você testemunhasse ou que fosses vítima e, 7 inquiridos dizem que, as vezes perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº 15. Você acha que aos alunos vitimas recebem o apoio necessários da instituição?

Designação	Frequência	%
Sim	7	19
Não	30	81
As vezes	0	00
Total	37	100

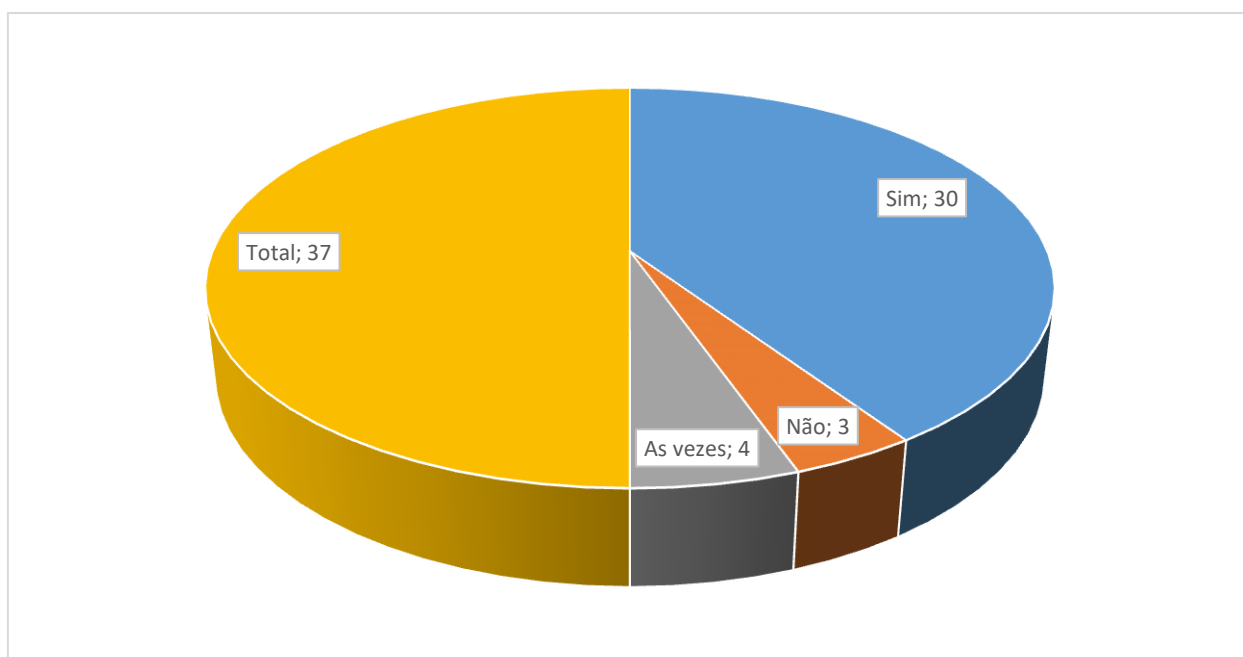


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº 15. Você acha que aos alunos vitimas recebem o apoio necessários da instituição, dos (37) trinta e sete aluno inquirido pode se constatar que 30 inquiridos que correspondem à 81% responderam alunos vitimas não recebem o apoio necessários da instituição e, 7 inquiridos diz que sim, alunos vitimas recebem o apoio necessários da instituição, e perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº16. Em caso de alguém fosse vítima de assédio sexual, quais recursos ou apoios procuraria?

Designação	Frequência	%
Sim	30	81
Não	3	8
As vezes	4	11
Total	37	100



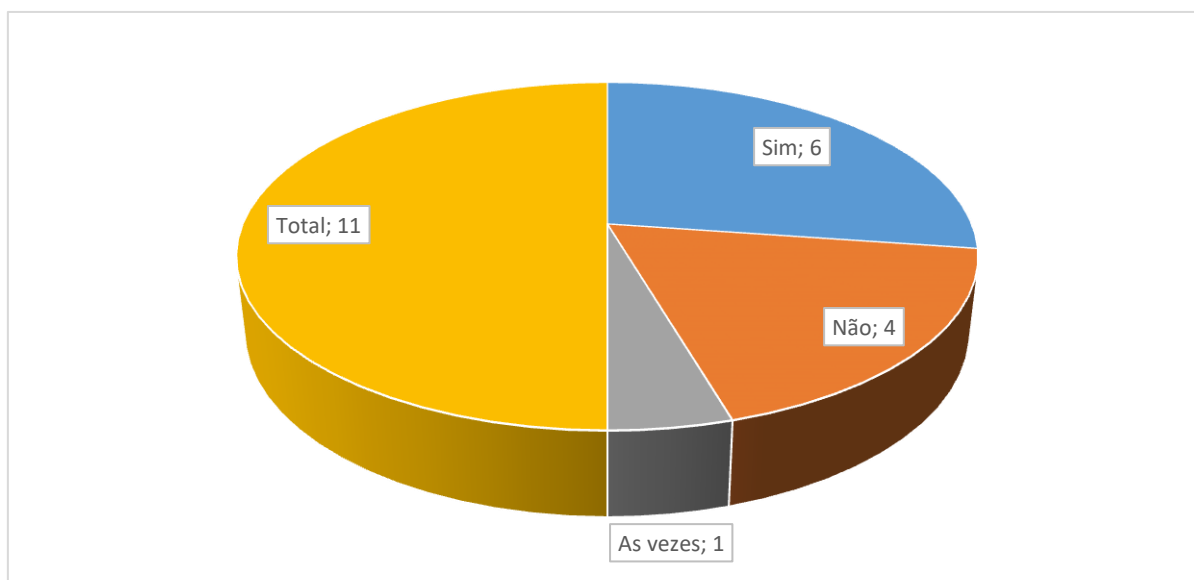
Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº16. Em caso de alguém fosse vítima de assédio sexual, quais recursos ou apoios procuraria dos (37) trinta e sete alunos inquiridos pode-se constatar que 30 que correspondem à 81% responderam em caso de alguém fosse vítima de assédio sexual, quais recursos ou apoios procuraria sim, 4 inquiridos que correspondem à 11% dizem que em caso de alguém fosse vítima de assédio sexual, não teriam recursos ou apoios procuraria e 3 dizem que as vezes, e perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

3.4. Inquérito com pais / encarregados de educação

Tabela e gráfico nº17. Qual é o papel dos pais / encarregados de educação na prevenção do assédio sexual na escola?

Designação	Frequência	%
Sim	6	55
Não	4	36
As vezes	1	9
Total	11	100

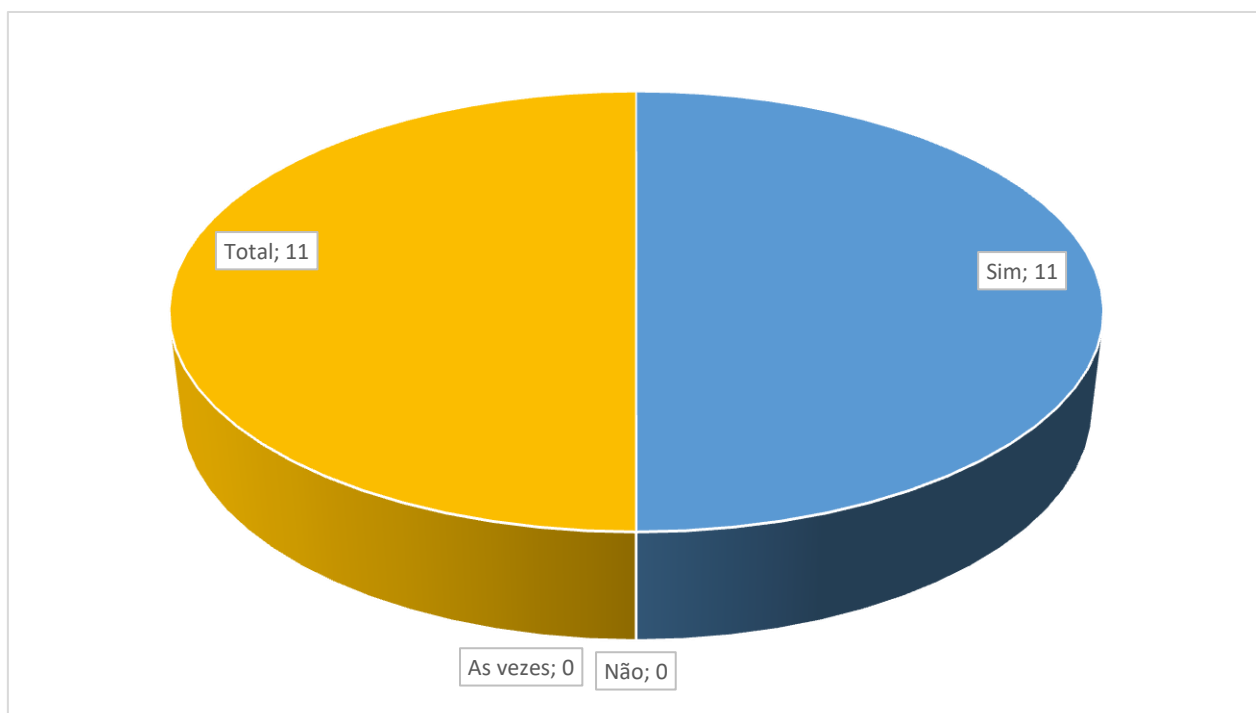


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº17. Qual é o papel dos pais / encarregados de educação na prevenção do assédio sexual na escola, dos (11) onze pais e encarregados de educação inquiridos pode se constatar que 6 inquiridos que correspondem à 55% dos inquiridos, responderam sim os encarregados de educação jogam papel importante na prevenção do assédio sexual na escola, 4 inquiridos que correspondem à 36% alegam que os pais e encarregados de educação não jogam nenhum papel sobre o assunto em discussão e, uma inquiridos que correspondem à 9% diz que as vezes sim, jogam papel importante, perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº 18. Acreditas que o assédio sexual pode ter impacto sobre o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional dos alunos?

Designação	Frequência	%
Sim	11	100
Não	00	00
As vezes	00	00
Total	11	100

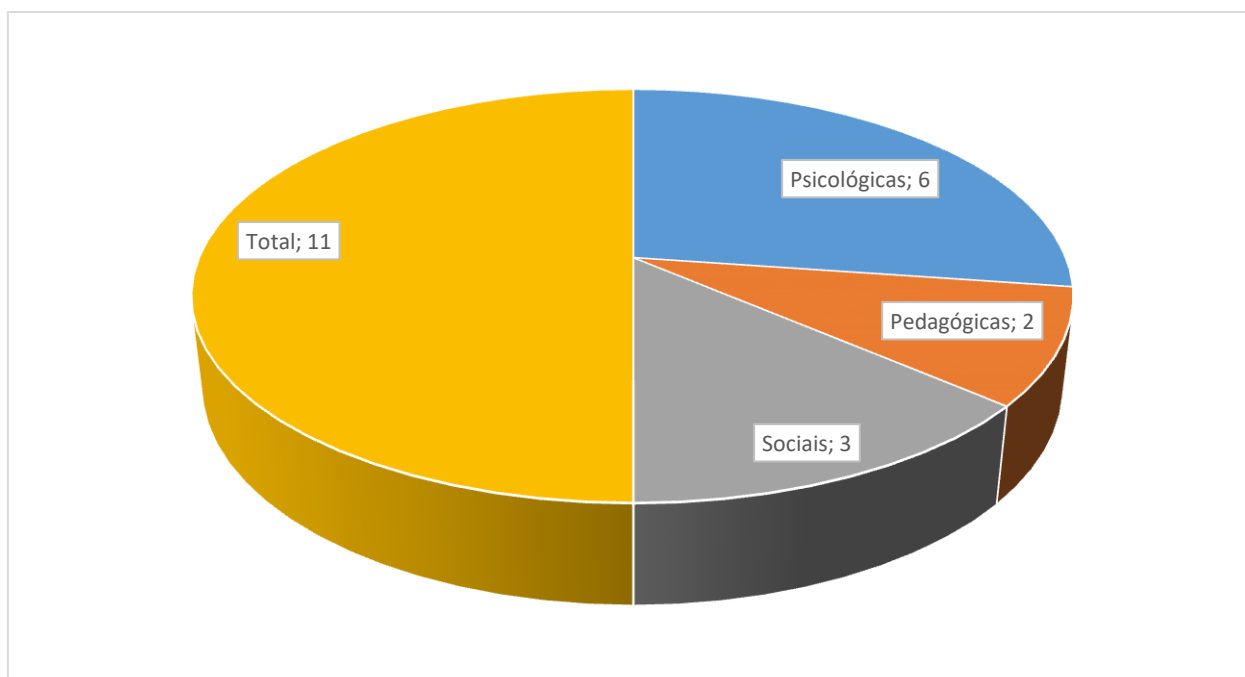


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº 18. Acreditas que o assédio sexual pode ter impacto sobre o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional dos alunos? dos (11) onze pais e encarregados de educação inquiridos pode se constatar que onze (11) que correspondem à 100% responderam que sim, acreditam que o assédio sexual pode ter impacto sobre o desempenho acadêmico e o bem-estar emocional dos alunos o e perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº19 Quais são as possíveis consequências do assédio sexual sobre o engajamento dos alunos na escola?

Designação	Frequência	%
Psicológicas	6	55
Pedagógicas	2	18
Sociais	3	27
Total	11	100

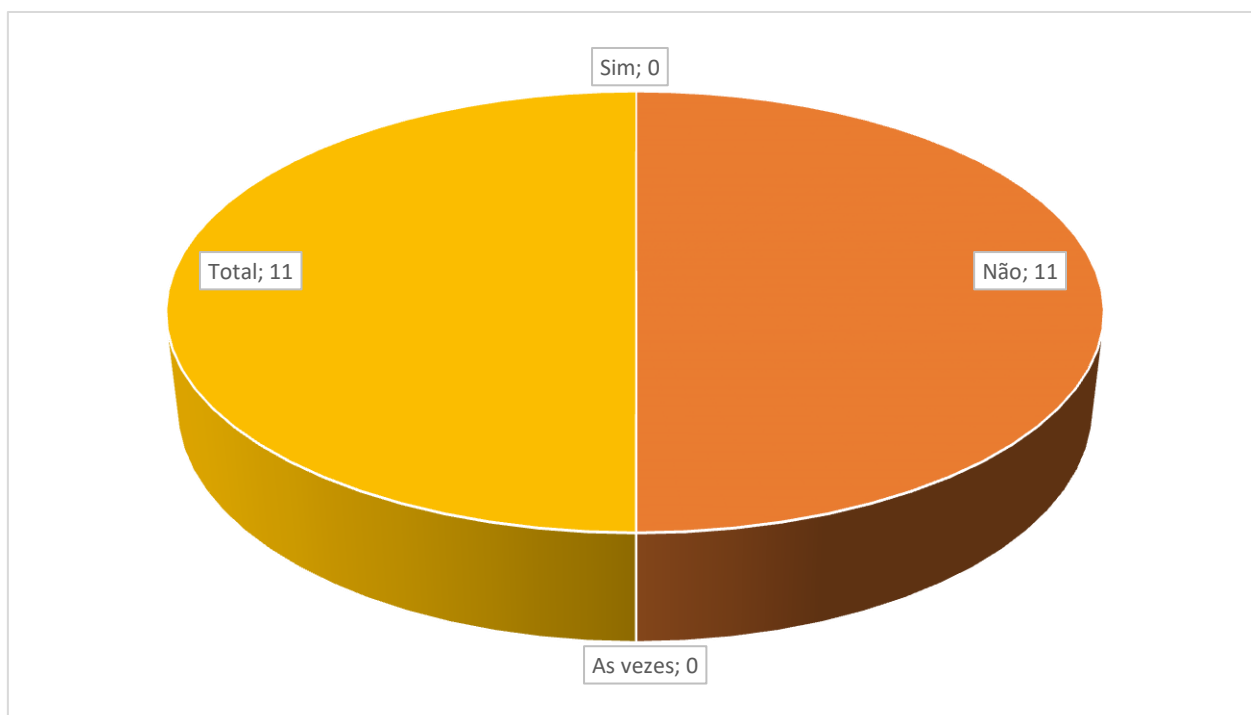


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº19 Quais são as possíveis consequências do assédio sexual sobre o engajamento dos alunos na escola? dos (11) onze pais e encarregados de educação inquiridos pode se constatar que 6 inquiridos que correspondem à 55% responderam as possíveis consequências do assédio sexual sobre o engajamento dos alunos na escola são psicológicas, três (3) inquiridos que correspondem à 27% dizem que as possíveis consequências do assédio sexual sobre o engajamento dos alunos na escola são sociais e (2) dois inquiridos que correspondem à 18% afirmam que são consequências pedagógicas, perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº 20. Acredita que a escola oferece informações e recursos suficientes para lidar com o assédio sexual?

Designação	Frequência	%
Sim	00	00
Não	11	100
As vezes	00	00
Total	11	100

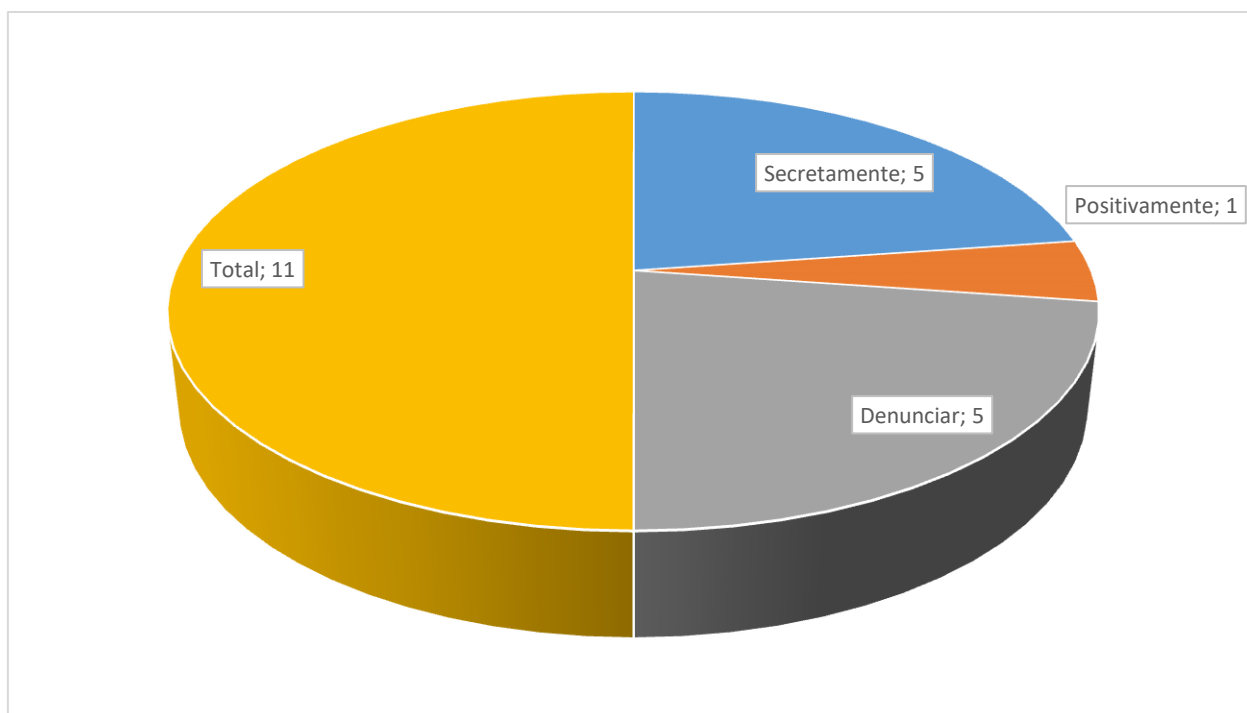


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº 20. Acredita que a escola oferece informações e recursos suficientes para lidar com o assédio sexual? dos (11) onze pais e encarregados de educação inquiridos pode se constatar que (11) onze inquiridos que correspondem à 100% responderam a escola não oferece informações e recursos suficientes para lidar com o assédio sexual e perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº21. Caso um aluno fosse vítima de assédio sexual, como lidar com a situação?

Designação	Frequência	%
Secretamente	5	45,4
Positivamente	1	09
Denunciar	5	45,4
Total	11	100

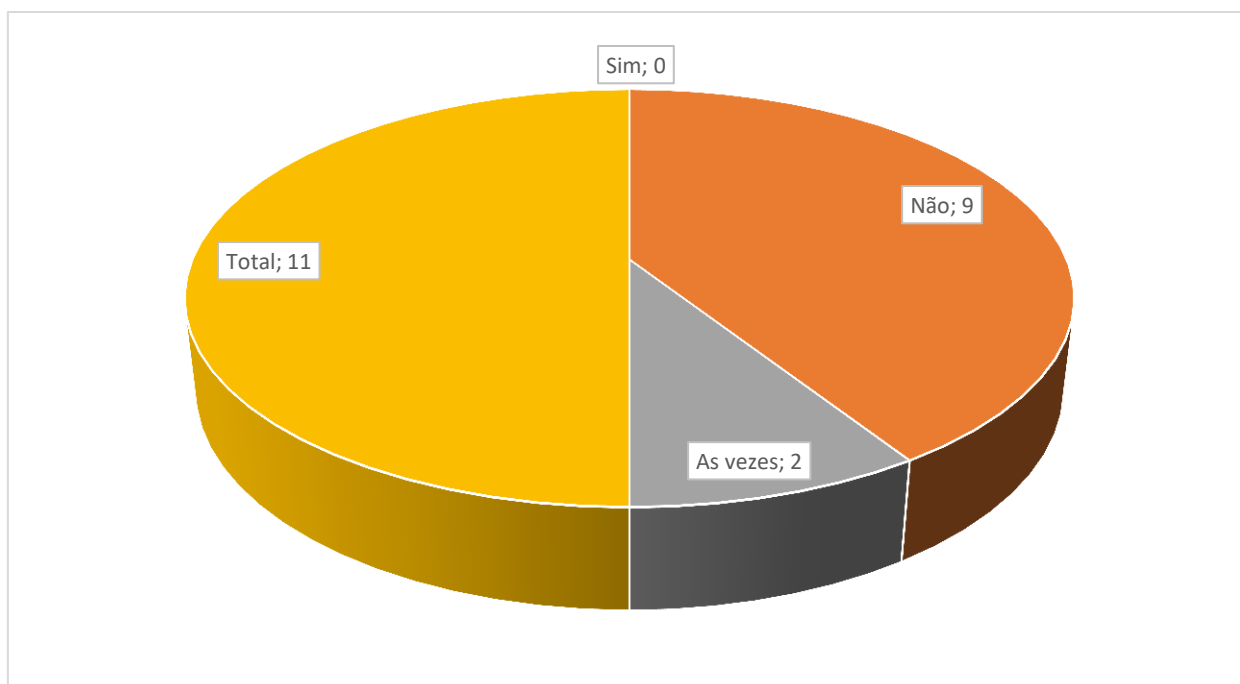


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº21. Caso um aluno fosse vítima de assédio sexual, como lidar com a situação? dos (11) onze pais e encarregados de educação inquiridos pode se constatar que (5) cinco inquiridos que correspondem à 45,4% responderam, caso um aluno fosse vítima de assédio sexual, lidariam com a situação de forma a denunciar a autoridades policiais. Igualmente 5 cincos inquirido que correspondem à 45,4% acham que lidariam com a situação secretamente e um inquirido por sua vez diz que lidaria com a situação positivamente, perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº22. Os pais e encarregados de educação tem colaborado com a escola para prevenir e abordar o assédio sexual?

Designação	Frequência	%
Sim	0	00
Não	9	82
As vezes	2	18
Total	11	100

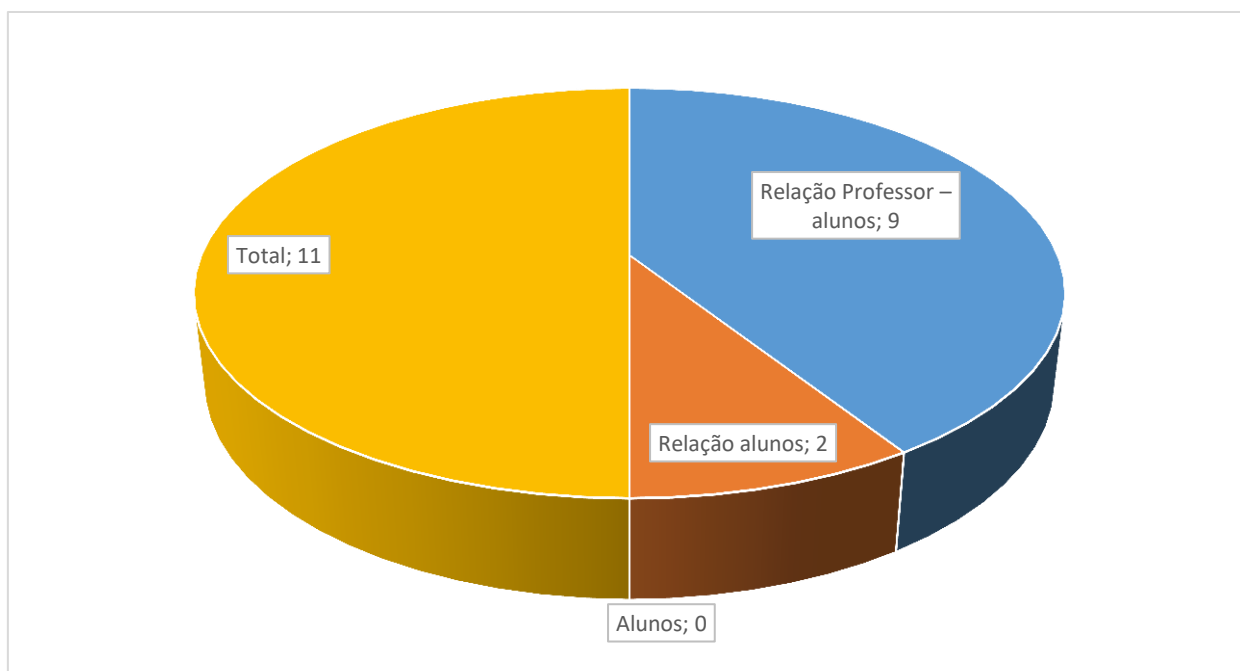


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº22. Os pais e encarregados de educação tem colaborado com a escola para prevenir e abordar o assédio sexual? dos (11) onze pais e encarregados de educação inquiridos pode se constatar que 9 nove que correspondem à 82% responderam os pais e encarregados de educação não têm colaborado com a escola para prevenir e abordar o assédio sexual e, dois inquiridos que correspondem à 18% dizem que as vezes Os pais e encarregados de educação tem colaborado com a escola para prevenir e abordar o assédio sexual, perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº 23. Quais os principais desafios a enfrentar na escola em relação ao assédio sexual?

Designação	Frequência	%
Relação Professor – alunos	9	82
Relação alunos	2	18
Alunos	00	00
Total	11	100

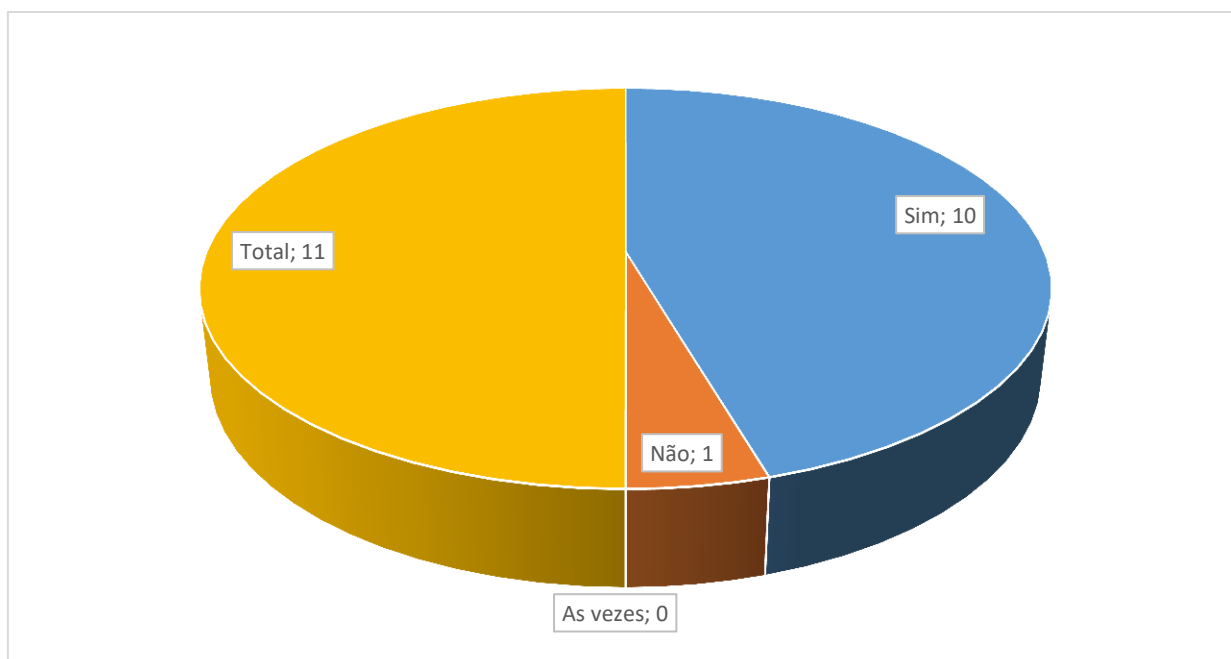


Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº 23. Quais os principais desafios a enfrentar na escola em relação ao assédio sexual, dos (11) onze pais e encarregados de educação inquiridos pode se constatar que 9 nove inquiridos que correspondem à 82% responderam os principais desafios a enfrentar na escola em relação ao assédio sexual é a relação professor alunos e, dois inquiridos dizem que os principais desafios é a relação aluno - aluno, perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

Tabela e gráfico nº24. A educação sobre assédio sexual deveria fazer parte das conversas em famílias?

Designação	Frequência	%
Sim	10	91
Não	1	09
As vezes	00	00
Total	11	100



Fonte: Elaboração Própria/2023

Tabela e gráfico nº24. A educação sobre assédio sexual deveria fazer parte das conversas em famílias, dos (11) onze pais e encarregados de educação inquiridos pode se constatar que 10 dez inquiridos que correspondem à 91% responderam sim, a educação sobre assédio sexual deveria fazer parte das conversas em famílias e um inquirido diz contrariamente que a educação sobre assédio sexual não deveria fazer parte das conversas em famílias. E perfazendo o total de 100% dos inquiridos.

CONCLUSÕES

Diante do tema “as consequências de assédio sexual no processo de ensino-aprendizagem entre alunos no liceu do Nzetu Zaire”, concluímos que o impacto negativo desse comportamento é profundo. O ambiente educacional, teoricamente destinado ao crescimento intelectual e social, torna-se comprometido quando a segurança e o respeito são violados.

As consequências psicológicas para as vítimas podem afetar significativamente seu desempenho acadêmico, minando a confiança e prejudicando o envolvimento nas atividades escolares.

Além disso, o assédio sexual cria uma atmosfera tóxica que prejudica o clima escolar, afetando não apenas as vítimas, mas também todos os estudantes, professores e a comunidade em geral.

Ao analisar as hipóteses levantadas, observamos que o assédio sexual contribui para taxas mais elevadas de evasão escolar e redução da qualidade do aprendizado. Isso sugere a necessidade de políticas educacionais mais rigorosas e eficazes para prevenir e abordar o assédio, promovendo um ambiente educacional seguro e inclusivo.

Os objetivos estabelecidos, como a conscientização sobre o assédio sexual, o fortalecimento do apoio às vítimas e a criação de mecanismos eficazes de denúncia, mostram-se essenciais para combater esse problema.

As hipóteses inicialmente propostas foram respondidas e evidenciam que o assédio sexual contribui para um ambiente escolar hostil, impactando negativamente na motivação dos alunos para aprender. A criação de estratégias pedagógicas e apoio psicológico torna-se crucial para mitigar esses efeitos e restaurar a confiança no ambiente educacional.

Concluímos que, no contexto do liceu do Nzetu Zaire, as consequências psicológicas se manifestam em formas de ansiedade, depressão e dificuldades de concentração, comprometendo diretamente o desempenho acadêmico. O estigma associado ao assédio sexual tem levado à marginalização das vítimas, afetando sua interação com colegas e professores.

SUGESTÕES

Diante do desafiador cenário de assédio sexual no processo de ensino-aprendizagem entre alunos no liceu do Nzetu Zaire, é imperativo considerar uma série de medidas abrangentes para abordar e prevenir esse grave problema. A seguir, apresento sugestões que visam criar um ambiente educacional seguro e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes:

Desenvolver e implementar políticas rigorosas contra o assédio sexual, incorporando definições claras, procedimentos de denúncia e consequências para os agressores.

Garantir que as políticas sejam de amplo conhecimento de todos os membros da comunidade escolar, incluindo alunos, professores, funcionários e pais.

Introduzir programas educativos que abordem questões de respeito, consentimento e relações saudáveis.

Integrar esses programas no currículo regular para assegurar a conscientização desde cedo, promovendo uma cultura de respeito mútuo.

Oferecer treinamento regular para professores e funcionários sobre como identificar, lidar e prevenir casos de assédio sexual.

Capacitar os educadores com recursos de apoio eficazes para as vítimas, criando um ambiente de confiança.

Estabelecer canais de denúncia seguros e anônimos, garantindo que os alunos se sintam à vontade para relatar casos de assédio sem receio de retaliação.

Designar pessoal de confiança para lidar com essas denúncias, garantindo investigações justas e imparciais.

Disponibilizar serviços de aconselhamento psicológico para as vítimas, proporcionando um espaço seguro para expressar suas emoções e buscar apoio.

Fomentar grupos de apoio para promover a solidariedade entre os estudantes, fortalecendo a resiliência emocional.

Integrar discussões sobre igualdade de gênero e respeito mútuo em diversas disciplinas, promovendo uma compreensão mais profunda das questões envolvidas.

Encorajar a reflexão crítica sobre estereótipos de gênero e normas sociais que possam contribuir para o assédio.

Envolver ativamente os pais na promoção de valores e comportamentos respeitosos em casa, criando uma parceria entre a escola e a comunidade.

Realizar workshops e eventos comunitários para abordar o assédio sexual de maneira holística.

Ao adotar essas sugestões de forma integrada, o liceu do Nzetu Zaire pode trabalhar na construção de uma cultura escolar que rejeita o assédio sexual, promovendo, assim, um ambiente educacional seguro, inclusivo e propício ao desenvolvimento pleno dos seus alunos.

Referência Bibliográfica

Abrapia, M. *et al.* (2002) Diagnóstico participativo das violências nas escolas: falam os jovens. Rio de Janeiro: FLACSO-Brasil.

ActionAid (2008). Manual de Campanha. Não ao Abuso Sexual Contra a Rapariga na Educação.

Almeida, A. N., André, I. M., & Almeida, H. N. (1993). *Famílias e maus-tratos às crianças em Portugal. Relatório Final*. Instituto de Ciências Sociais: Universidade de Lisboa.

_____ (2017). *Famílias e maus-tratos às crianças em Portugal. Relatório Final*. Instituto de Ciências Sociais: Universidade de Lisboa.

Altmann, H. (2003). Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais.

Amazarray, M; Koller, S, H.(2014) Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. v.11, n. 3, Porto Alegre, 1998. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000300014>>. Acesso em: 03 de maio.

Andi , P. (2003) História social da criança e da família. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara.

Andrade, M M.(2003) Introdução à Metodologia do Trabalho Científico: elaboração de trabalhos na graduação. 6. ed.São Paulo: Atlas.

Arthur, Maria José (2003). Assédio Sexual e Violação nas Escolas. Recortes de Imprensa. Publicado em “Outras Vozes”, nº3, Maio de 2003, in www.wlsa.or.mz.

Ascari, R.A. et al. (2013). Gravidez na adolescência: conhecendo a realidade num município de pequeno porte no meio oeste catarinense. *Revista Científica CENSUPEG*, nº2, 2013, p.2-10.ISSN2318-1044

Bagnol, J. (1996). The current prevalence of child sexual abuse worldwide: a systematic review and meta-analysis. *International Journal of Public Health*, v. 58, n. 3.

Brasil. (2018). Estatuto da Criança e do Adolescente.Porto Alegre: Corag.

Buber , P.K. (2012), Violências de Gênero – Coisas que a gente não gostaria de saber. Porto Alegre. EDIPUCRS.

Cavidad, Y. T. &Sánchez G. (2005). *Medidas de nível socioeconômico em pesquisas sociais: uma aplicação aos dados de uma pesquisa educacional*. Opin publica;

Cerveira, L., Manion, L., Morrison, K. (1999). Research methods in education. London: Routledge.

Corbella, M. D. G. A. (2003). *Educação formal, informal e não formal na educação em ciências*. Ciência em Tela. Rio de Janeiro;

Delors, J. et al (1996). *Educação um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Lisboa: UNESCO/Edições ASA Estudos Feministas. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>.

Ferrari, D.C.A. & Vecina, T.C.C. (2002) O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática. São Paulo: Ágora.

Figueiró, M; Neide D.(2006) Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível. Londrina: Eduel.

Filho, F. A. de O. e S.(2022)O Temor do outro: estabelecidos e pósestabelecidos em Abaetetuba/Pará. 129 f. Dissertação (mestrado em sociologia), Universidade Federal do Pará.

Fisher, G. V. (1988). *Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro*. Cad Saúde Pública. 2003;19(Supl 2):S283-S92;

Fonseca, A. C, L. (2003).A ação de destituição do pátrio poder. Revista Igualdade. Curitiba: Centro de Apoio Operacional das Promotorias da Infância e Juventude do Ministério Público do Paraná, out./dez.

Foucault, M(2006). História da sexualidade: a vontade de saber. Vol. I - 17ª Edição. Rio de Janeiro: Graal.

Freire, P. (1980) Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (1994) Educação como prática da liberdade. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Furniss, T. (1993). Abuso Sexual da Criança: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artes Médicas.

Gabel, M. (Org.).(1997). Os abusos sexuais. In: Lamour. M. Crianças vítimas de abuso sexual. São Paulo: Summus.

Gil, A. C. (2007) Como elaborar Projetos de Pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____ (2010). Como elaborar Projectos de Pesquisa. 5ª ed. S. Paulo: Atlas.

Goffman, E. (1988) Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 eds. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.

Gomes, D. R. (2006). *Juventude e sexualidade*. Brasília, DF: UNESCO Brasil;

Hazeu, J. J. (2004). The challenge of defining child sexual abuse. *American Psychologist*, 55, 1036-1039.

Jasper, M. et al (2013) Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. In: Estudos de Psicologia. Campinas.

- Libane, C. (2006). Democracia e educação. Introdução à filosofia da educação. São Paulo: Nacional.
- _____(1998), *Didáctica*. São Paulo: Cortez.
- Lousada, T. E. (2004). *Desafios para a elaboração de projetos de educação sexual na escola*. Londrina: UEL;
- Machado, L, Z. (2017) Masculinidades e Violências. Gênero e mal- estar na sociedade contemporânea. Republicado em Mônica Raisa Schpun (Org.) *Masculinidades*. São Paulo.
- Madanes, C. (1997). Sexo, amor e violência: estratégias para a transformação. São Paulo: Psy.
- Mahoney, A. A.; Almeida, L. R. de.(2004) A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola.
- Marconi, M, A; Lakatos, E, M.(2006) Metodologia do Trabalho Científico. 6. ed. São Paulo: Atlas.
- _____(2009). Metodologia do trabalho científico. 7ª edição: Editora atlas: São Paulo.
- Matavele, J (ed) (2005). Relatório do Estudo sobre Abuso Sexual da Rapariga nas Escolas Moçambicanas. Maputo.
- Mosse, M & Cortez, E (2006). A Pequena Corrupção no Sector da Educação em Moçambique. Documento de Discussão Nº 2. Centro de Integridade Pública de Moçambique. Moçambique.
- Nunes, C, A. (2004). Desvendando a sexualidade. Campinas, SP: Papirus.
- Oliveira, A. V. L. L. *et al.* (2018) A escola como espaço de prevenção, identificação e combate ao abuso sexual infantil. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 2178.
- Ortega, R. M. (1994). *Gravidez na Adolescência. Nascer e Crescer*;
- Osório, C (2007). A Socialização Escolar: Educação Familiar e Escolar e Violência de Género nas Escolas. Publicado em Outras Vozes, nº19, maio de.
- Panzo, P. D. (2013) Um Breve Estudo De Pressão Baseada Na Lei De Boyle Com Material Reciclável. In: 65ª Reunião Anual Da Sbpcc, 2013, Recife. Anais/Resum
- Piletti, C. (2004). *Didáctica Geral*. São Paulo: Editora Ática;
- Pires, G. U. F. (2009). *Rotinas de Ginecologia*. Porto Alegre: Artmed;
- Pontes, A.F. (2009). Sexualidade: Vamos Conversar sobre isso? –Promoção do desenvolvimento psicosssexual na adolescência: implementação e avaliação de um programa de intervenção em meio escolar. (Tese Doutorado). Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar - ICBAS. Universidade do Porto. 2011.
- Quadro, B. M. (2009) Mulheres invisíveis. Violência conjugal e novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Ravagni, E. (2007) O que é Sexualidade? Brasília.
- Robert, J. (2003) Te Laisse pas faire (Não te deixes levar). (1º edição) Lisboa. Dinalivro.
- Sampaio, P. (1996) lei que descriminaliza consumo da droga, Público 22.11.2000
- Santos, B. R.; Ippolito, R. (2009) Guia de referência: construindo uma cultura de prevenção à violência sexual. São Paulo: Childhood-Instituto WCF-Brasil: Prefeitura da Cidade de São Paulo, Secretaria de Educação.
- Santos, V e Costa. (2009) Dicionário de educação sexual, sexualidade, gênero e interseccionalidades / et al. 1. ed. - Florianópolis: UDESC.
- Silva, A. M. A. S. (1998). Quebrando o pacto do silêncio. In. D.C.A. Ferrari & T.C.C. Vecina (Eds.). O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática. São Paulo: Agora
- Silva, D. L. da. (2007) do gesto ao símbolo: a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica. Educar, Editora UFPR, Curitiba. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n30/a10n30>.
- Silva, E, L; Menezes, E, M; Pinheiro, Liliane Vieira. (2005) Avaliação da produtividade científica dos pesquisadores nas áreas de ciências humanas e sociais aplicadas. Informação & Sociedade: Estudos.
- Summit, L. F. (1983). Abuso sexual contra crianças e adolescentes: Conceituação e intervenção clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Teixeira, F. et al. (2010). Sexualidade e Educação: um estudo com futuros professores. *Las relaciones CTS em La Educación Científica*, Coimbra, Portugal.
- Torres, C. A. et al (2016) Educação e democracia - a *práxis* de Paulo Freire em São Paulo. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire.
- UNESCO. (2014). Orientação técnica de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem-Brasília, UNESCO, 2014, 54p. 4.
- Valadier, P. (1998). El abuso sexual en personas con discapacidad intelectual. *Psicothema*, 14(1), 124-129
- Vidal, M. (2002) Ética da Sexualidade. São Paulo, Brasil: Editora Loyola.
- Vilar, D., Ferreira, P. (2008). *A Educação Sexual dos Jovens Portugueses: Conhecimentos e Fontes*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Who. (2010) Understanding and addressing violence against women: Sexual violence. Disponível em: <file:///C:/Users/cassia/Dropbox/WHO_RHR._eng.pdf>.
- Williams, S. (2014) Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. *Jornal de Pediatria*, 81 (Supl.5).

APÊNDICES

À
DIRECÇÃO DO LICEU MUNICIPAL
DO N'ZETO
ZAIRE

CREDENCIAL

Ref.:325/DAC/ISA/023

Melhores Cumprimentos,

Excelência,

O Instituto Superior de Angola – ISA, aprovado pelo Decreto presidencial nº 168/12 de Julho, com sede em Luanda, bairro da Pedreira, município de Cacuaco, apostado na formação de quadros qualificados na investigação científica para dar respostas as necessidades locais e nacionais de acordo com as orientações emanadas pelo Executivo Central.

Havendo a necessidade de credenciar e enviar nos diferentes locais para pesquisar a temática do trabalho de fim de Curso para obtenção do grau de Licenciatura em **PEDAGOGIA** a estudante:

NOME: Jamira André Machado

TEMA: AS CONSEQUÊNCIAS DE ASSÉDIO SEXUAL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: ENTRE OS ALUNOS DA 10ª E 12ª DO LICEU MUNICIPAL DO NZETO/ ZAIRE DO 2022/ 2023.

Vimos por intermédio desta p, solicitar os vossos ofícios, no sentido de autorizar o estudante a realizar a pesquisa/recolha de dados na instituição que vossa excelência mui dignamente dirige.

Certo da vossa especial atenção de sempre, reiteramos os nossos respeitosos cumprimentos.

VISTO Nº001/LINZT/2024

Tendo em conta a solicitação da pesquisa, para aquisição do grau de **Licenciatura em Pedagogia**, a favor da **Sr. Jamira André Machado**, cujo tema: AS CONSEQUÊNCIAS DO ASSÉDIO SEXUAL NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM ENTRE OS ALUNOS DA 10 E 12 CLASSE DO LICEU MUNICIPAL DO NZETO/ZAIRE DO ANO LECTIVO 2022/2023, somos a informar que, a Estudante em epigrafe, fez a recolha da informação a ~partir dos documentos arquivados na Secretária deste Liceu

“Liceu do Nzeto, Educar para Unidade na Diversidade”

LICEU DO NZETO, AOS 17 DE JANEIRO DE 2024.

ANEXOS

Inquerito de pesquisa com alunos sobre o assédio sexual no processo de ensino e aprendizagem.

Pesquisa para a Monografia da especialização em educação: Pedagogia pelo Instituto superior de Angola (ISA), por meio de um inquérito, objectivando a opinião dos professores, alunos e pais ou encarregados de educação sobre a merenda fornecida pela unidade escolar.

1. Já presenciou ou teve conhecimento de caso de assédio sexual ocorrido em sua instituição?

Sim_____Não_____As vezes_____

2. Como você sentiu-se em relação ao caso verificado de assédio sexual?

Muito mal_____Normal_____bem_____

3. Como o assédio sexual afecta o ambiente escolar?

Negativamente_____Positivamente_____Normalmente_____

4. Acredita que o assédio sexual pode impactar o desempenho académico e o aprendizado do aluno?

Sim_____Não_____As vezes_____

5. Na sua opinião, o assédio sexual tem consequências emocionais e psicológicas na vítima?

Sim_____Não_____As vezes_____

6. Você sente-se avontade para denunciar um caso de assédio sexual que você testemunhasse ou que fosses a vítima?

Sim_____Não_____As vezes_____

7. Você acha que os alunos vítimas recebem o apoio necessário da instituição?

Sim_____Não_____As vezes_____

8. Em caso de alguém for vítima de assédio sexual, quais recursos ou apoio procurariam?

Sim_____Não_____As vezes_____

Obrigado pela colaboração!